

**Glossário Regional/Popular da Obra São Bernardo,
de Graciliano Ramos**

**Maria da Salete Figueiredo de Carvalho
Maria das Neves Alcântara de Pontes**

**João Pessoa
Editora do CEFET-PB
2008**

Glossário regional/popular da obra São Bernardo, de Graciliano Ramos
Copyright© 2008 by Maria da Salete Figueiredo de Carvalho & Maria das Neves
Alcântara de Pontes

Todos os direitos reservados e protegidos. Proibida a duplicação ou reprodução deste volume ou parte do mesmo, sob quaisquer meios, sem autorização expressa da autora e dos editores.

Diretor Geral João Batista de Oliveira Silva

Diretor de Ensino	Raimundo Nonato de Oliveira Furtado
Dir. de Ex. e Assuntos Comunitários	José Avenzoar Arruda das Neves
Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação	Nelma Mirian Chagas de Araújo Meira
Dir. de Adm. Planejamento e Finanças	Carlos Roberto de Almeida
Diretora de Desenvolvimento Institucional	Claudiana Maria da Silva Leal

CONSELHO EDITORIAL

Profª. M.Sc. (Pres.) Mônica Maria M. de Oliveira	Profª. Drª Maria Cristina Madeira da Silva
Profª. M.Sc. Claudiana Maria da Silva Leal	Profª. M.Sc. Mônica Maria Souto Maior
Prof. Dr. Augusto Francisco das Silva Neto	Prof. Dr. Neilor César dos Santos
Profª. Drª Francilda Araújo Inácio	Profª. Drª Nelma Miriam C. de Araújo Meira
Prof. Dr. Jefferson Costa e Silva	Prof. Dr. Paulo Henrique da Fonseca Silva
Prof. Dr. Lafayette Batista Melo	Prof. Dr. Umberto Gomes da Silva Junior
Prof. Dr. Kennedy Flávio M. de Lucena	

Revisão da Língua Portuguesa: Profª. Drª. Mª das Neves Alcântara de Pontes
Capa e Diagramação: Wandilson de Souza Silva
Documentação e Normalização: Ivanise Andrade Melo de Almeida
Beatriz Alves de Sousa

Dados Internacionais de Catalogação – na - Publicação (CIP)
Biblioteca Nilo Peçanha – CEFET/PB

P813p Carvalho, Maria da Salete Figueiredo de.
Glossário regional/popular da obra São Bernardo de
Graciliano Ramos / Maria da Salete Figueiredo de Carvalho,
Maria das Neves Alcântara de Pontes. – João Pessoa: CEFET-
PB, 2008.
162p.
Originalmente apresentado como dissertação por Maria da
Salete Figueiredo de Carvalho, (Mestrado – Universidade
Federal da Paraíba, 2003).

ISBN 978-85-88119-17-8

1. Literatura brasileira-popular. 2. Literatura-regional. 3.
Graciliano Ramos. 4. Lexicologia-Semântica. 1. Título.

CDU 869.0 (81)-91

DEDICATÓRIA
Profa. Maria da Salete Figueiredo de Carvalho

A Levino Augusto de Carvalho, esposo, companheiro e amigo, sempre presente, apoiando-me.

A meus filhos Heráclito Tales, José Aloísio e Levino Júnior – tesouros da minha vida.

AGRADECIMENTOS
Profa. Maria da Salete Figueiredo de Carvalho

A DEUS, antes de tudo, pelo que sou, e pelas inúmeras dádivas recebidas.

À Dra. Maria da Neves Alcântara de Pontes, orientadora do Curso de Mestrado e Doutorado (UEPB).

A meus pais Henrique Gonçalves de Figueiredo (in memoriam) e Adélia Viana de Figueiredo (in memoriam) pelo exemplo ímpar de compreensão, paciência e rigor.

A meus irmãos Maria do Socorro Figueiredo de Carvalho (in memoriam) e José Estélio de Figueiredo com quem sempre tenho contato nos momentos mais difíceis.

Ao Prof. José Rômulo Gondim de Oliveira (gestão 2003-2006) e do Professor João Batista de Oliveira Silva (gestão 2006-2010), enquanto Diretores Gerais do CEFET-PB, que nos proporcionaram a publicação deste Glossário.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

DEDICATÓRIA
Profa. Maria das Neves Alcântara de Pontes

A **DEUS** – arquiteto da vida e senhor da criação, por me dar, mesmo na enfermidade, toda a força necessária para continuar **CELEBRANDO A VIDA** e poder tornar público um material tão rico para pesquisadores e estudiosos da expressividade veiculada pela Linguagem Regional/Popular.

Ao meu **pequenino** e adorado **JOSÉ VICTOR** que muito se faz presente em todos os momentos da minha vida. Você é minha **cápsula vital!**

Enfim, à minha **FAMÍLIA** que, compreendendo as minhas dores, foi solidária aos meus problemas, tornando-se o meu **PORTO SEGURO**.

AGRADECIMENTOS
Profa. Maria das Neves Alcântara de Pontes

São tantos... estes são fundamentais!

- Ao Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (CEFET-PB), nas pessoas do Professor José Rômulo Gondim de Oliveira (gestão 2003-2006) e do Professor João Batista de Oliveira Silva (gestão 2006-2010), enquanto Diretores Gerais, pela solicitude e presteza sempre que a eles nos dirigimos.
- À Maria da Salete Figueiredo de Carvalho, aluna/orientada que, com o convívio metamorfoseou-se em uma AMIZADE PROFUNDA selando, com esse trabalho, agora, a NOSSA IRMANDADE na ciência da palavra!
- À Professora Mônica Maria Montenegro de Oliveira (CEFET-PB), pela seriedade e abnegação na organização do Glossário e pela forma especial com que sempre nos tratou, sobretudo nesse momento tão difícil da minha vida;
- Às minhas **sempre** orientadas (às meninas do CEFET-PB), Profa. Maria do Socorro Burity Dialectaquiz, Profa. Maria Salete Figueiredo de Carvalho (parceira neste trabalho), Profa. Clécia Maria Nóbrega Marinho e Mônica Maria Montenegro de Oliveira pela troca de saberes.
- À Universidade Federal da Paraíba, através do DLCV na pessoa da Profa. Doutora Mônica Nóbrega e do PROLING – Programa de Pós-Graduação em Linguística, na pessoa do Prof. Dr. Demerval da Hora, que me abriu os caminhos para a pesquisa nas áreas de Lexicologia, da Dialectologia e da Geo-etno-sociolingüística.

- À Profa. Dr^a Yara Campos de Mattos, Vice-Reitora da UFPB, pela solidariedade e pela força, neste momento difícil da minha vida.

- À minha orientadora de Pós-Doutorado Profa. Dra. Nelly Carvalho (UFPE) por compreender as minhas ausências e me motivar sempre a trilhar nos caminhos da pesquisa.

- À querida Ana Aldrigue – pela força e pelo carinho;

- Ao meu **sempre adorado José Victor** – mola propulsora do meu encanto pela vida e pelo estímulo para que eu possa continuar lutando para viver e curtir este amor tão sublime.

- À minha **Mãe**, meu anjo provedor, minha alma gêmea, sem ela tudo seria mais difícil...

- Aos meus irmãos Laelson, Luis Antonio, Zinha, Eliane, Izabel, Jacilda e Laize que, no cansaço da rotina da vida diária, tiraram um pouco do seu tempo precioso e de espaços para me acolher, ao modo particular de dar de cada um.

- Aos meus sobrinhos Laelson Filho, Lailson, Laíza, Belinha, Lucas, Luiza e Luiz Gabriel, pelo carinho sempre!

- Aos sempre queridos, na alegria e na dor, no sofrimento ... na vida. Tia Alice, tia Nenen, tio Edélio, Izanete, Fátima Moura, Juliana, Gracinha, Alba, Leonel Jr., Dr. Luciano Fonseca, Dr. Frederico P. Costa, Dr. Marcos Magalhães, Gláucia, Eudes Filho, Socorro Aragão, Ivone, Beliza, Dr. Áurea, Liana Chaves, Dr. Eduardo Sérgio Soares Sousa, Glaura, Raimundo Nonato Oliveira Furtado e tantos outros que no papel não caberiam.

Às queridas Zezé, Jandira e Santinha (amigas especiais).

- Enfim, a todos que contribuíram para o desenvolvimento da **Ciência da PALAVRA**, e para o meu crescimento nas pesquisas lingüísticas.

Muito Obrigada!

“Os pesquisadores do linguajar espontâneo,
não praticam certezas , não humilham ninguém,
nem exercem coações e violências porque
têm sempre sob a mão a fonte genuína:
o povo que cria e faz viver a língua,
o laboratório natural da linguagem”.

(A. César Veiga)

SUMÁRIO

Apresentação	13
Introdução	15
1. Sobre o Autor	
Graciliano Ramos – “Um Nordestino das Alagoas”	17
2. A Obra de Graciliano Ramos	22
3. A Obra São Bernardo	25
4. Regionalismo: Rede de Tradições	32
5. Lexicologia e Semântica – Aspectos Teóricos	39
Lexicologia	39
Semântica	43
Mudanças de Significado	46
A Teoria dos Campos e a Hipótese Sapir-Whorf	49
Língua e Cultura	56
Língua	56
Variedades Lingüísticas	60
Variedades Socioculturais (diestráticas)	62
Variedade Devido a Situação	64
Níveis de Linguagem	64
Língua Falada e Língua Escrita	65
Cultura	67

6. Glossário Regional/Popular em São Bernardo de Graciliano Ramos	71
7. Referências Bibliográficas	146
7.1 Lingüística e Literária	146
7.2 Enciclopédias, Dicionários, Vocabulários, Glossários e Adagiários	150
7.3 Dicionários, Glossários e Afins	153
Dados Sobre As Autoras	159
Maria da Salete Figueiredo de Carvalho	159
Maria das Neves Alcântara de Pontes	161

APRESENTAÇÃO

Apresentar um livro não é uma tarefa fácil, especialmente quando se trata de uma peça irretocável como esta que está vindo a lume, fruto alquímico de quatro mãos engenhosas. Com firmeza, estamos convencidos de que seu primor se impõe por si só, ainda que o carinho e a amizade que nos aproximam das autoras pareçam dourar mais nossas palavras.

Contudo, é inegável que, assim que nos entranhamos no conteúdo desse Glossário Popular, logo a beleza ininteligível do falar nordestino fartamente se revela, encoberta que estava pela originalidade marcante do linguajar dos personagens da obra prima de Graciliano Ramos, São Bernardo. Também admirável é a versatilidade com que, ao demonstrar peculiaridades da nossa região, brinda-nos com a explicação da tessitura verossímil da linguagem literária, capaz de fundir ficção e realidade, atizando-nos a revisitar todas nossas antigas opiniões sobre se é a arte que imita a vida, ou se é a vida que imita a arte.

É dever nosso ainda ressaltar, por fim, alguns elementos outros que humanizaram a alquimia deste livro: dor, cumplicidade, perseverança. Cintilando entre todos, a paixão, como uma prova de que,

sem a energia radiante desse sentimento, nenhum corpo realiza trabalho, nenhuma matéria se condensa.

Este Glossário tem, sim, a pretensão de ser útil. Aliás, ele já nasceu com o pendor de servir como um instrumento de transformação, tal qual buscavam os alquimistas a transmutação dos metais inferiores em ouro.

Assim, a linguagem tosca, as expressões populares, as feições primordiais do homem do Nordeste, tudo se transforma em erudição por obra das autoras.

João Pessoa, Outubro de 2006.

Profa. M. Sc. Mônica Maria Montenegro de Oliveira

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado **Glossário Regional/Popular da obra São Bernardo de Graciliano Ramos** vincula-se à linha de Pesquisa Fenômenos Lingüísticos: perspectiva Geo-etno-sociolingüística, o Projeto voltado para a Linguagem Regional/Popular do Programa de Pós-Graduação em Lingüística – PROLING, da Universidade Federal da Paraíba.

As idéias nasceram de pesquisas com autores regionais, considerando-se o nível de registro lingüístico do Léxico, notadamente no léxico nordestino, a partir do texto literário de Graciliano Ramos, como expressão fidedigna de crédito. Constitui o resultado da Dissertação de Mestrado da Profa. Maria da Salete Figueiredo de Carvalho, recomendada para publicação, pelos professores participantes da Banca Examinadora.

Todos nós da comunidade acadêmica nacional conhecemos as dificuldades de se publicar, entretanto, não fora o empenho da parceria realizada com o CEFET-PB, esta publicação não teria sido possível.

Este Glossário pretende preencher mais uma lacuna no âmbito do léxico regional nordestino, tendo em vista que o léxico é o elemento mais sensível às mudanças culturais, de tal sorte que mais do que qualquer outro elemento lingüístico, expressa a mobilidade das estruturas sociais, confirmando, assim, a condição dinâmica da língua e suas variações e registro lingüístico.

O Glossário em tela trata de termos regionais/populares, para ser alvo de consulta e pesquisa por profissionais estudiosos e pesquisadores das áreas de Letras e Lingüísticas, além de leitores das mais diversas áreas, dentre as quais a Antropologia, a Sociologia, a História, a Cultural Regional, entre outras.

Do ponto de vista metodológico, buscou-se informação em torno dos subsídios teóricos da cultura, da palavra e do significado lingüístico contextual, do autor, sua obra, léxico específico, linguagem regional, Dicionários regionais e específicos da língua.

Temos a certeza de que estamos tornando público um material de grande importância para os estudiosos da linguagem regional.

SOBRE O AUTOR:

1. GRACILIANO RAMOS – “um nordestino das Alagoas”

Graciliano Ramos nasceu em 1892, em uma cidade alagoana, chamada Quebrangulo. Ele era filho primogênito de Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Barros, casal que teve dezesseis filhos.

Aos dois anos, Graciliano saiu de Quebrangulo, pois seus pais resolveram morar em Buíque, cidade do interior de Pernambuco, onde permaneceu até a idade de oito anos. Em 1900, a família regressa para o estado de Alagoas, cidade de Viçosa onde o pai se estabelece na profissão de comerciante.

Graciliano aprendeu as cinco primeiras letras do alfabeto com seu genitor, e tentou aprender as demais, entretanto confundia o “T” com o “D”, fato que lhe causou muitas lágrimas e sofrimentos. O “professor” foi substituído por “Mocinha”, irmã natural de Graciliano, encerrando, assim, os sofrimentos que lhe causaram as duas mencionadas letras, segundo Viviana de Assis Viana (1981).

Em Viçosa, 1904, ocorreu a fundação de um jornal de crianças: Dilúculo, jornal literário, dirigido por Graciliano e seu primo. Nesse jornal, Graciliano publicou o seu primeiro conto “Pequeno mendigo”.

Neste mesmo ano, 1904, foi para o internato em Maceió, onde passou seis anos, publicou alguns sonetos com pseudônimo. Em 1910, saiu do internato, indo morar em Palmeira dos Índios e ali trabalhou no estabelecimento comercial do pai, que saíra de Viçosa. Graciliano já apresentava grande interesse por literatura e escrevia no próprio balcão, em papel de embrulho.

Em 1914, vai para o Rio, permanecendo apenas um ano, e trabalhou como revisor dos jornais *Correio da Manhã*, *A Tarde* e o *Século*. Voltou, repentinamente, em 1915, para Palmeira dos Índios, em virtude de um telegrama que lhe noticiara a morte, em um só dia, de duas de suas oito irmãs, de um de seus três irmãos e de um sobrinho, cuja causa *mortis* fora a peste bubônica.

Estabeleceu-se em Palmeira dos Índios, abriu a loja “Sincera” e, nesse mesmo ano, 1915, casa-se com Maria Augusta de Barros, que faleceu de parto cinco anos depois, deixando-o com quatro filhos menores. Escrevia crônicas para os jornais *O Índio* (Palmeira dos

Índios), *Jornal de Alagoa* (Maceió), *Paraíba do Sul* (Paraíba do Sul, Estado do Rio) e, em 1921, colaborou com o jornalzinho *O Índio*, dirigido por padre Macedo, usando o pseudônimo *J. Calixto*. Em 1925, Graciliano começou a escrever uma história ocorrida numa cidade interiorana, antiga aldeia dos índios caetés – o livro *Caetés*, publicandoo em 1933.

Graciliano não gostava de falar em público. Certa vez, ao presidir o congresso de escritores, o qual deveria abrir, entretanto pegou o microfone e anunciou: “O Congresso está encerrado”.

Em 1926, foi eleito presidente da Junta Escolar de Palmeira dos Índios, ficou a par dos problemas do ensino, não os esquecendo no ano seguinte, 1927, eleito prefeito de Palmeira dos Índios, tomou posse em janeiro de 1938 e, na gestão de prefeito, abriu escolas em três aldeias (Serra da Mandioca, Anum, e Canafístula).

Um mês após a posse na prefeitura, contraiu segunda núpcias com Heloísa Medeiros, que morava em Maceió, conhecera-a dois meses antes, na missa do Galo. Dessa união nasceram quatro filhos: Ricardo, Roberto, Luíza e Clara. A família tinha uma organização patriarcal: o

sim era sim, o não era não, era rígido com as filhas e liberal com os filhos, todavia nunca lhes impôs suas idéias.

Retornou à Palmeira dos Índios em 1932, e fundou uma escola onde escreveu os primeiros capítulos de São Bernardo. Esse trabalho foi interrompido por motivo de doença, sendo necessário fazer uma cirurgia em Maceió. Essa fase está registrada no conto “O Relógio do Hospital” do livro *Insônia*, publicado em 1947. Saindo do hospital, regressou à Palmeira dos Índios e retomou a obra São Bernardo, publicando-a em 1934. Graciliano deixou definitivamente Palmeiras dos Índios em 1933, passou a residir em Maceió, foi nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas, cargo que ocupou por três anos. Nesse mesmo ano foi publicado Caetés.

No início de 1936, tomou conhecimento de que havia misteriosos telefonemas, com fortes ameaças e que procuravam seu endereço, mas não deu importância ao fato. Em três de março foi preso sem processo, em sua própria casa, em Maceió, acusado de comunista, sendo levado para Recife e depois para o Rio. Foi vítima de uma acusação falsa uma vez que foi só ingressar no Partido comunista do Brasil (PCB) nove anos depois, em 1945.

Foi libertado em 1937, e desde essa época não mais regressou ao Nordeste, fixando residência no Rio. Recebeu, nesse mesmo ano, recebeu o prêmio de literatura infantil do Ministério da Educação, com *A Terra dos Meninos Pelados*. Em 1938 publicou *Vidas Secas*. Em 1939 foi nomeado inspetor Federal Secundário. Em 1943, ocorreu publicação de Homenagem a *Graciliano Ramos*, com discursos e artigos publicados em seu cinqüentenário. Em 1944, publicou *Histórias de Alexandre*. Em 1945, ingressou no PCB e publicou *Infância*. Em 1951, foi eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), tomando posse no mesmo ano, e no seguinte foi reeleito.

Em 1952, ele viajou a Paris, acompanhado da sua mulher, atendendo ao convite para participar das comemorações dos 150 anos do nascimento de Vitor Hugo. De Paris, o escritor foi a Thecoslováquia e, à União Soviética.

Depois que chegou da viagem, adoeceu gravemente, foi para Buenos Aires, onde se submeteu a uma cirurgia sem êxito. Retorna ao Rio, em outubro, mês em que completara o seu sexagésimo, aniversário que foi comemorado solenemente na Câmara Municipal do Rio. Como o homenageado não pode comparecer por se encontrar acamado, a sua filha Clara foi quem agradeceu as homenagens. Em 23 de Janeiro de 1953, foi internado no Rio, na Casa de Saúde e Maternidade São Vitor, faleceu dois meses depois, em 20 de março.

2. A OBRA DE GRACILIANO RAMOS

Graciliano Ramos, segundo Luft (1973) é considerado uma das figuras mais expressivas do grupo de escritores nordestinos da década de 30, entretanto, a repercussão de sua obra só ocorreu postumamente. Em sua obra está presente a vida dotada de forte densidade humana, resultante de sua experiência pessoal, conforme se pode constatar tanto em *Infância e Memórias do Cárcere*, como na ficção regionalista *Caetés, São Bernardo e Vidas Secas*, para onde o romancista transpôs o sertão nordestino com sua gente sofrida seus cenários e seus tipos.

Observemos a afirmação de Antonio Cândido, *Ficção e Confissão*, In: São Bernardo, 1972.

Para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito de jornada dispondo-se de uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela confissão das mais vividas emoções pessoais. Com isto, percorre o sertão, a mata, a fazenda, a vila, a cidade, casa, a prisão, vendo fazendeiros e vaqueiros empregados e funcionários, políticos e vagabundos, pelos quais passa o romancista, progredindo no sentido de integrar o que observa ao seu modo peculiar de julgar e de sentir.

De tal forma que, embora pouco afeito ao pitoresco e ao descritivo, e antes de mais preocupado em ser, por intermédio da sua obra como artista e como homem, termina por nos conduzir

discretamente as esferas bastante várias de humanidade, sem se afastar demasiado de certos temas e modos de escrever.

Todos os romances de Graciliano Ramos estão geograficamente situados em locais bem identificados, segundo Cristóvão (1986): *Caetés* em Palmeira dos Índios; *São Bernardo* em Viçosa, em *Angustia* estão presentes o ambiente do Rio e o de Maceió; *Vidas Secas* retrata as cenas de vida em Buique.

O próprio romancista, conforme entrevista de Homero Sena, (In: Coleção Fortuna Crítica 2, 1978) que ao lhe pedir que lhe contasse alguma coisa do começo de sua vida, no interior de Alagoas, confessou:

“- *Mas tudo está contando em **Infância**. Valeria apenas repetir?*”

Em outro momento da entrevista, o escritor se reportou à época em que morava no Rio, 1914, mencionando os endereços em que residiu, fez destaque da pensão situada no Largo da Lapa, que figura no seu livro *Angústia*. E continuando, o romancista declara que ao escrever *São Bernardo*, em uma sacristia em Palmeira dos Índios, teve de interrompê-lo no XIX capítulo, em face de ter se hospitalizado. As impressões do hospital, tentou fixá-las em dois contos: “*Paulo*” e “*O relógio do hospital*” e no último capítulo de *Angustia*. Sobre sua prisão

ele achou não ser necessário rememorá-la, pois apareceria nas *Memórias da prisão* que estava compondo.

As referidas Memórias da prisão foram publicadas após a morte do autor, em 1953, com o título *Memórias do Cárcere*.

Publicação póstuma de outras obras: *Viagem* (1954); *Contos e Novelas* (1957), antologia organizada pelo autor. Em 1960, ocorreu a assinatura do contrato de publicação das obras completas com a Livraria Martins Editora, em São Paulo; publicação de *Histórias do Agreste*, antologia organizada por seu filho, o escritor Ricardo Ramos. Em 1961, o Ministério de Educação e Cultura lançou oficialmente, obras completas. Em 1962: *Linhas Tortas, Viventes das Alagoas e Alexandre e Outros Heróis*.

3. A OBRA SÃO BERNARDO

A obra São Bernardo, objeto de nosso estudo, logo no seu primeiro capítulo, apresenta características que são constantes no livro, uma delas é o poder do narrador.

Surge a idéia de o narrador, Paulo Honório, escrever um livro e entusiasmadamente, fez convite aprováveis colaboradores. Depois de trabalharem uma semana, todos foram dispensados, com exceção de um, que foi dispensado após quinze dias. Dispensou-os sob a alegação de não apresentarem identidade de pensamento com o dono do livro, que custearia as despesas, seu nome sairia na capa do livro.

O romance São Bernardo é narrado em primeira pessoa, pelo protagonista Paulo Honório que relewa toda a história de sua vida. É uma personagem forte, enérgica, opressora, que agia de modo violento e deprimente, obedecendo ao comando de sua vontade onipotente. Existe uma enorme diferença entre a figura do narrador, que a cada fase, cresce e se transforma num gigante, e os demais, que, quase sempre, são figuras miúdas, sem valor, girando à sua volta aceitando as suas decisões.

Paulo Honório desconhecia sua própria origem, conforme perfil traçado por ele próprio:

Para falar com franqueza, o número anos assim positivo e a data de São Pedro são convencionais: adoto – os porque estão no livro de assentamentos de batizado da freguesia. Possuo a certidão, que menciona padrinhos, mas não menciona pai nem mãe. Se tentasse contar minha meninice, precisaria mentir. Julgo que rolei por ai à toa. Lembro-me de um cego que me puxava as orelhas e da velha Margarida que vendia doce. (São Bernardo, 1980, p.12)

Em outra ocasião, inconformado com o valor da fatura de um material didático, que sua esposa Madalena o fizera adquirir para a escola da Fazenda São Bernardo, desabafou: “*Uma dinheirama tão grande gasta por um homem que aprendeu leitura na cadeia, em carta de ABC, em almanaques, numa bíblia de capa preta, dos bodes*”. (Op. cit. p.107).

Depois, em diálogo com Madalena, reafirmou:

*- Você, pelo que me disse, princípio a vida muito pobre.
- Sei lá como principiei! Quando dei por mim, era guia de cego. Depois vendi as cocadas da velha Margarida. Já lhe contei. (1980, p. 115)*

Após muitas peripécias e vicissitudes, Paulo Honório resolveu fixar-se em sua terra, município de Viçosa, estado de Alagoas, e logo lhe surgiu a idéia de adquirir a propriedade São Bernardo, onde trabalhará no eito, com salário de cinco tostões. Seu ex-patrão, Salustiano Padilha, havia passado muita privação para que seu filho, o Luís Padilha, se fizesse doutor, e acabou morrendo do estômago e de

fome, sem ver o seu sonho concretizado. Paulo Honório sabendo das dificuldades financeiras por que passava o Padilha, dele se aproximou, e se fez amigo, e dentro de dois meses, emprestou-lhe dois contos de réis que foram gastos pelo Padilha na orelha da sota, com aguardente, e com fêmeas ratoínas. Não podendo saldar a dívida com Paulo Honório, ofereceu à hipoteca de São Bernardo, negócio que Paulo Honório refugou: “-Bobagem! S. Bernardo não vale o que um periquito rói. O Pereira tem razão. Seu pai esbagaçou a propriedade”. (Op. cit. p.19).

Ambos entram em negociação, que teve um processo difícil, e, finalmente, a fazenda foi comprada por valor irrisório, depois de deduzir a dívida:

Para evitar arrependimento, levei Padilha para a cidade, vigiei-o durante à noite. No outro dia cedo, ele meteu o rabo na ratoeira e assinou a escritura. Deduzi a dívida e os juros, o preço da casa, e entreguei-lhe sete contos e quinhentos e cinqüenta mil-réis não tive remorsos. (São Bernardo, p.26)

Em outra passagem, conversando com a esposa, ele arrematou:

“Quer que lhe diga? Comecei a vida com cem mil-réis alheios. Cem mil-réis, sim senhora. Pois estiraram como borracha tudo quanto possuimos vem desses cem mil-réis que o ladrão do Pereira me emprestou. Usura de judeu, cinco por cento ao mês”. (1980, p.105)

Finalmente, Paulo Honório conseguiu as terras de São Bernardo, conforme sempre intencionou, e considerou legítimas todas as ações que o levaram a obtê-las (1980, p.39). Entretanto, não lhe foi fácil fazê-la progredir. Para isso, efetuou transações arriscadas, endividou-se, importou maquinismo e não dava atenção aos que o censurava: “*Por querer abarcar o mundo com as pernas*” (1980. p.40). Deu início a polmicultura, avicultura e começou uma estrada de rodagem para levar seus produtos ao mercado.

E a fazenda tornou-se bonita, e próspera, realmente, uma admirável fazenda-modelo.

Vejamos o depoimento do fazendeiro protagonista:

Recordei o tempo que aquilo só tinha muçambês e lama. O riacho, um pouco de água turva no sulco estreito e tortuoso, derramava-se pela várzea, empapando o solo. E as cercas do Mendonça avançando que diferença! Senti vontade de levantar-me e exclamar: Vejam isto! Estão dormindo? Acordem. As casas, a igreja, a estrada, o açude, as pastagens, tudo é novo. O algodão tem quase uma légua de comprimento e meia de largura. E a mata é uma riqueza! Cada pé de amarelo! Cada cedro! Olha o descaroador, a Serraria. Pensam que isso nasceu assim sem mais nem menos?(1980, p.122)

De posse de tão bela, rica e próspera fazenda, surge-lhe a idéia de, também, possuir um herdeiro:

Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma idéia que me veio sem que nenhum rabo-de-saia a provocasse. Não me preocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que a mulher é um bicho esquisito, difícil de governar [...] Não me sentia, pois, inclinado para nenhuma: o que eu sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de São Bernardo. (1980, p.59)

Paulo Honório contraiu núpcias com a professora Madalena, e o começaram vida nova. Entretanto, desencadeou em Paulo Honório um ciúme doentio, que a cada dia tornava-se pior. “*Os fatos mais insignificantes avultaram em demasia. Um gesto, uma palavra à-toa logo me despertavam suspeitas*”. (1980, p.137)

O ciúme de Paulo Honório foi se agigantando, e o sofrimento de Madalena tornou-se insuportável, levando-a ao suicídio. Depois da morte de Madalena, Paulo Honório procurou se auto-analisar e analisar também os fatos ocorridos:

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarrara coma a minha brutalidade e o meu egoísmo. Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins. E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda parte! A desconfiança é também consequência profissão. Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no

cérebro, nervos diferentes dos outros homens. E nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes. (1980, p.187)

A força motriz que movia o personagem protagonista, fazendo-a vencer todos os obstáculos, e vitoriar em tudo, desapareceu com a morte da esposa, esse acontecimento fez com que Paulo Honório mergulhasse em tenebrosa solidão, conforme declara: “*É horrível! Se aparecesse alguém. Estão todos dormindo. Se ao menos a criança chorasse. Nem sequer tenho amizade a meu filho. Que miséria!*” (São Bernardo, 1980, p.188)

O protagonista-narrador, proprietário das coisas e das pessoas, chegou à conclusão de que o desmedido empenho para tudo conseguir, de nada valeu, e depois de tanta batalha, terminou em uma trágica solidão.

Por se tratar de um escritor nordestino, é oportuno que, a seguir, falemos sucintamente sobre o Regionalismo.

1. REGIONALISMO – Rede de Tradições

São varias as acepções do termo regionalismo. A Enciclopédia Larousse Cultural (1998) traz, entre outros, os seguintes registros. Sistema ou partido político que afirma a existência de entidades regionais que reivindicam seu reconhecimento; sentimento relativo a uma região; expressão própria de uma região; caráter de uma obra qualquer (prosa ou poesia) sobre costumes ou tradições regionais. No Dicionário de Língua Portuguesa de Aurélio (1999), encontra-se o termo regionalismo significando doutrina que incrementa os agrupamentos regionais; sistema ou partido dos que defendem os interesses regionais; locução peculiar a uma região ou regiões; caráter da literatura que se baseia em costumes e tradições regionais.

Diante de tantas acepções, observamos, também, a posição Alceu Amoroso Lima, (1964, p.203):

Incluimos, finalmente, sob a denominação genérica de regionalismo, todos os demais correntes particulares que cruzam constantemente as nossas letras, provindas dos vários ambientes especiais em que ela se desenvolveu – o litoral, a Amazônia, o Nordeste, as coxilhas gaúchas etc. Cada um desses ambientes particulares constitui uma região literária, com seus traços próprios, sua linguagem característica, seus problemas típicos, suas paisagens,

seus homens, de modo a permitir uma literatura local, ou sob a forma popular ou sob a forma culta. (1964, p.203)

Sob esse prisma, constatou-se os temas regionais começaram a marcar presença em nossa literatura, desde o Romantismo, citando-se como exemplo o indianismo, e sertanismo em Alencar, banditismo, presença do matuto, em Franklin Távora, entre outros escritores, que também abordam esses temas, conforme frisou Azevedo (1984, p.95).

Nos anos 70 do século XIX, Franklin Távora manifestou-se no sentido de se criar uma arte de raiz regional através da carta-prefácio de sua obra *O Cabeleira* (1986).

Reparemos no fragmento da referida carta-prefácio:

As letras têm, como a política, um certo caráter geográfico; mais do Norte, porém, do que no Sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra. A razão é óbvia: o Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro. (1986, p.10)

Essa carta-prefácio é um verdadeiro convite à luta dos intelectuais da região para tentar fazer frente à progressista hegemonia do Sul, tanto no aspecto econômico como cultural, entretanto, não

galgou êxito por lhe ter faltado fundamento sociológico sólido para que fosse analisada de maneira profunda e eficaz a referida problemática. (Almeida, 1981, p.190-1)

E mais adiante, no prefácio de *O Cabeleira*, o autor ainda insiste:

Não vai nisto, meu amigo, um baixo sentimento de rivalidade que não aninho em meu coração brasileiro. Proclamo uma verdade irrecusável. Norte e Sul são irmãos, mas são dois. Cada um há de ter uma literatura sua, porque o gênio de um não se confunde com o gênio do outro. Cada um tem suas aspirações, seus interesses, e há de ter, se já não tem, sua política. (1976, p.11)

Vê-se, então, que esse prefácio foi um manifesto que constitui um marco inicial do Regionalismo brasileiro, e que *O Cabeleira* deu início a uma série de obras ligadas a uma literatura do Norte.

O regionalismo, dentro do nosso estudo, compreende as regiões culturais marcadas pelo valor que tiveram como focos regionais de produção literária. Nessa perspectiva, Coutinho (1986, p. 201-6) denominou as regiões culturais ou literárias de grupos, levando em consideração o estudo do tema, e, assim, classificou em grupo nortista, grupo nordestino, grupo baiano, grupo central, grupo paulista, grupo gaúcho.

O Regionalismo brasileiro, de acordo com Almeida (1981, p. 203-4, 209, 212-3) começou a ter impulso na década de 1920 do século XX, em Recife, graças ao sociólogo Gilberto Freire, recém-chegado ao Brasil, após completar sua formação universitária, em Ciências Sociais, nos Estados Unidos e de visitar alguns países europeus (França, Inglaterra e Portugal). O referido sociólogo fez uma forte campanha, por meio de artigos em jornais e contatou pessoalmente com intelectuais influentes com objetivo de revalorizar as tradições regionais que estavam ameaçadas de extinção em virtude das grandes transformações por que vinha passando o Nordeste. Essa campanha aliada a outros que abraçaram a causa regionalista, como Odilon Nestor ou Moraes Coutinho propiciou a fundação do Centro Regionalista do Nordeste, em abril de 1924, cuja finalidade era promover os valores humanos e a cultura da Região.

No início do século XX, de acordo com Bosi (1994, p.207-8) o tema rural é abordado com seriedade, no sentido de assumir os seus precisos contornos físicos e sociais sob uma concepção mimética de prosa. O regionalismo de Valdomiro Silveira, o de Simões Lopes Neto e o de Hugo de Carvalho Ramos, é exemplo de um aproveitamento literário das nuances regionais.

O projeto explícito dos regionalistas consistia em descrever o meio com fidelidade, aprofundando a linha realista para entendimento de ambientes rurais que, até então, estavam intactos para a nossa ficção. Deixaram de lado a importação das modas criadas pelas elites urbanas, e passaram a pesquisar o folclore, a linguagem do interior, aproximando a linguagem literária da linguagem coloquial brasileira.

A produção literária dos anos 30 revelou um novo espírito crítico no que tange à consciência regionalista não só na ficção nordestina, como também, em todo território brasileiro.

Os romancistas dessa época, de acordo com Pontes, (2001, p.175) inovaram a arte de narrar, de descrever nos moldes estilísticos, na ordem estrutural, e a seguir foram direcionados por outros princípios estéticos e filosóficos.

Esse movimento literário compreende o período de 1930 a 1945, período de maturação e de regionalismo que constituiu a segunda fase do Modernismo. O Modernismo teve a sua primeira fase iniciada com a Semana de Arte Moderna em 1922, que deu início a uma nova fase na literatura e nas artes plásticas no Brasil, caracterizada pela ruptura com

as tradições acadêmicas, pela liberdade de criação e de pesquisas estéticas, pela busca de inspiração nas fontes mais autênticas da cultura e da realidade brasileira.

Os escritores do Nordeste dos anos 30 foram todos marcados por uma visão sociológica da realidade. Depois de *A bagaceira* do paraibano José Américo de Almeida, em 1928, obra que iniciou o romance nordestino moderno, surgiu *O quinze* da cearense Raquel de Queiroz, em 1930; *O país do carnaval* do baiano Jorge Amado em 1931, *Menino de engenho* do paraibano José Lins do Rego em 1932; *São Bernardo* em 1934 e *Vidas Secas*, em 1938, essas duas últimas do alagoano Graciliano Ramos. Essas obras denunciam os problemas e conflitos sociais do Nordeste, a exploração do homem nordestino, principalmente do camponês, que vive em condições adversas impostas pela geografia do lugar, submissos aos proprietários de terras, lutando pela sobrevivência, submetendo-se à mão de obra barata, enfrentando sorte de privação, de desamparo.

Nos anos 30, para Almeida, (op. cit. 1981) houve uma verdadeira explosão de criação ficcional que assinalou uma fase nova na Literatura Brasileira. Esse fenômeno não está ligado unicamente ao Nordeste, merecem destaque os nomes como o de Érico Veríssimo,

Marques Rebelo, Octávio de Faria, Cornélio Penna, Ciro do Anjos, João Alfonsus, Lucia Cardoso e José Geraldo Vieira. Entretanto, é fato notório que foram os escritores nordestinos, os que obtiveram maior repercussão junto ao público. De modo que a noção “romance de 30” evoca logo os nomes dos escritores nordestinos José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos. Fora do Nordeste, merece atenção especial o romancista Érico Veríssimo por ter, também, alcançado a preferência dos leitores.

O grupo nordestino mereceu destaque por ter apresentado uma tradição quantitativamente mais forte, produzindo uma ficção regionalista, que foi considerada a mais importante no panorama literário nacional no século XX.

5. LEXICOLOGIA E SEMÂNTICA - ASPECTOS TEÓRICOS

5.1 LEXICOLOGIA

A Lexicologia é, segundo Ullmann, (1970) o ramo da Lingüística que examina a palavra em todos os seus aspectos. A Lexicologia tanto estuda as palavras, como também os morfemas que as constituem, isto é, as unidades significativas. Nessa ótica, a Lexicologia é subdividida em Morfologia que se encarrega de estudar as formas das palavras e seus componentes, e a Semântica que estuda os seus significados.

A palavra desempenha um papel primordial na estrutura da língua. A palavra, conforme frisou o mencionado autor, era definida por Aristóteles como a menor unidade significativa da fala. Essa definição foi aceita, durante muito tempo, pelos lingüistas. Entretanto, através de métodos de análise, seguindo os processos (e, algumas vezes a terminologia), da Física Nuclear, descobriram unidades semânticas bem menores que a palavra e, por essa razão, foi necessário um termo que viesse designar esses menores elementos significativos da fala, que na teoria lingüística contemporânea, são chamados de ‘morfemas.’ Morfema é, portanto, a menor unidade significativa. Muitos estudiosos procuraram definir a palavra, mas essas definições eram muito divergentes. Das tentativas a respeito de definição de palavra, a que teve

mais aceitação foi a do lingüista americano Leonard Bloomfield, que definiu a palavra por critérios mais formais que sintáticos, tendo como base para seu argumento a relação entre palavra e frase. Bloomfield fez a distinção entre formas livres e de formas presas. As formas livres são suscetíveis de formar frases, são unidades que não dependem de outra forma para ter significação, são unidades capazes de constituir um enunciado. As formas presas não são usadas como frases, são os afixos e desinências, que não têm significação. (Ullmann, 1970, p. 62-64).

A noção de palavra, segundo Biderman (1978), muda de acordo com o nível de consciência do falante. Até o presente, os lingüistas, ainda, não souberam definir a palavra numa acepção de validade universal. Em face de equívocos e imprecisões provocados pelos termos palavras e vocábulos, os lingüistas consignaram o termo *lexema* para designar a unidade léxica abstrata em uma língua.

Todo sistema léxico é um somatório de toda a experiência que uma sociedade armazena e do acervo da sua cultura através das idades. Os usos vocabulares são modificados pelas mudanças sociais e culturais e, em decorrência desse fator, ocorrem a marginalização, o desuso, ou o desaparecimento das unidades ou setores completos do Léxico. Pode ocorrer processo inverso, esses termos podem ressurgir e serem usados com novas conotações.

Apesar de o Léxico constituir o patrimônio da comunidade lingüística, mas na prática, a criação e a conservação do vocabulário dessa língua é da competência dos usuários da língua – os falantes. Os indivíduos podem atuar sobre a estrutura do Léxico, alterando a área de significação das palavras, atribuindo conotações particulares aos lexemas, no ato de seus discursos, e, assim, nasce a Semântica, que é gerada pelos indivíduos, principalmente, aqueles que se apresentam mais criativos e dotados de uma maior competência lingüística, como escritores e poetas. O universo semântico não é, apenas, estruturado pelo indivíduo, mas também pela sociedade, ambos concorrem para a formação do léxico. (Cf. Biderman, 1978, p. 73, 130, 139).

E ainda, sobre o Léxico, observemos o que Vilela (1994) afirma:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber lingüístico duma comunidade, Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos tem um nome e esse nome faz parte do léxico.

O léxico é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade. (Vilela, 1994, p. 6)

A respeito de palavra, como unidade básica da Lexicologia, o referido lexicólogo atribuiu-lhe a definição dada por Pottier a “lexie”:
(Idem, ibidem, p.10).

A lexia é a unidade lexical memorizada. Distinguiu-se da lexia simples: árvore, saiu, entre, agora; lexia composta: primeiro-ministro, mata burro, guarda-chuva, mata borrão, guarda-roupa; lexia completa estável: a punhaladas, ponte levadiça, estado de sítio, mesa redonda, recém-nascido, mortalidade infantil, uma estação espacial, Cidade Universitária; lexia textual: “quem tudo quer, tudo perde.” (Pottier, 1975, . 26-7)

Em outra obra, *Léxico e Gramática*, (1995, p. 13-4) o mencionado autor apresenta a distinção entre vocabulário e léxico. O vocabulário é uma subdivisão do léxico, como por exemplo, o léxico de um autor, o léxico de um texto, o léxico de uma escola, de uma área de saber, etc. O léxico é constituído pelas palavras fundamentais e ideais de uma língua; o léxico é o geral, o social e o essencial. O vocabulário compreende o conjunto dos vocábulos que, realmente, existem em um determinado tempo e lugar ocupados por uma comunidade lingüística. O vocabulário é o particular, o individual e o acessório.

O referido autor apresenta a distinção entre **vocabulário**, **dicionário** e **glossário**. O **dicionário** compreende a recolha dos vocábulos de uma língua, postos ordenadamente, o **vocabulário**

envolve a recolha de um setor determinado de uma língua, e **glossário** é o vocabulário mais difícil de um autor, de uma escola ou de uma época. (Vilela, 1995, p. 13 -4)

5.2 SEMÂNTICA

Vimos que a Lexicologia tanto estuda a forma das palavras e seus componentes, sob o título de Morfologia, como também, estuda os seus significados, denominando-se Semântica.

A Semântica e a Etimologia representam os dois principais ramos da Linguística que tratam diretamente da palavra, segundo Ullmann (1970). A Semântica estuda o significado das palavras e a Etimologia estuda a origem das palavras. O interesse pela origem da palavra teve uma capital importância na antiga filosofia grega. Havia duas escolas que se opunham: os naturalistas, que acreditavam na existência de uma relação intrínseca entre som e sentido, e os convencionalistas que afirmavam haver uma pura arbitrariedade nessa relação.

Surgiu, então, a codificação da gramática latina, no século I, antes de Cristo, feita por Varrão, que considerou a Etimologia como

uma das três divisões dos estudos lingüísticos junto à Morfologia e a Sintaxe. Mesmo, esses métodos etimológicos não sendo científicos, contribuíram significativamente no estudo da linguagem.

Este fato não traduz desinteresse pelos problemas do significado por parte dos Antigos. Eles fizeram observações importantíssimas acerca do emprego e do sentido das palavras e apontaram aspectos fundamentais da mudança semântica. Para reconstruir palavras e raízes desaparecidas, os etimologistas da antiga escola usavam critérios fonológicos, e para tornar os resultados mais plausíveis, empregavam citação de paralelos semânticos de outras línguas. A Semântica servia, assim, de mero acessório da Etimologia. Nos últimos anos, deu-se uma atenção maior ao aspecto semântico na reconstrução de palavras e raízes desaparecidas, e, de uma maneira geral, o progresso dos estudos semânticos atingiu a Etimologia.

O mencionado autor faz alusão ao classicista C. Chr. Reisig que, em 1825, aproximadamente, criara uma nova concepção de gramática, e em seus cursos de universitários de Filologia latina em Hale, instituiu a ‘semasiologia’ o estudo do significado, considerando-a uma das três divisões da Gramática, ao lado da Etimologia e da Sintaxe. A semasiologia era considerada uma disciplina de caráter histórico que procurava estabelecer os princípios que norteavam os significados.

Em 1883, Michel Bréal publicou um artigo numa revista de estudos clássicos, em que figurava o programa da ‘nova’ ciência. (Ullmann 1970, p.7,8,67-8)

O termo semântica, segundo Schaff (1968, p. 9-11, proveio do notável lingüística francês Michel Bréal, e está geneticamente ligado à Lingüística. No final do século XIX, Bréal publicou seu *Essai de Sémantique. Science des Significations*, e conforme Schaff menciona, a significação do termo ‘semântica’ foi esclarecida por Bréal, em nota de rodapé: ”*Semantiké têchne, a ciência das significações, do verbo semaino “significar”, em oposição à fonética, ciência dos sons da fala*”. Essa definição foi acatada, apesar das divergências ocorridas em muitas escolas lingüísticas, que tratavam a semântica de acordo com a forma entendida por Michel Bréal. E assim, no século XIX, surgiu a Semântica como ciência autônoma do significado, incluindo-se como uma das partes importantes da Lingüística.

5.2.1 MUDANÇA DE SIGNIFICADO

O significado das palavras é pouco resistente à mudança, vários fatores concorrem para que tal fato aconteça.

Antoine Meillet, apud Ullmann (1970, p.401-6,409,411-7,435-6), identificou, no começo do século XX, algumas das forças que interagem para as mudanças semânticas. Outras, entretanto, foram notadas nos últimos anos.

Dentre esses fatores os mais decisivos na mudança semântica são:

A maneira descontínua como a língua é transmitida de uma geração para outra geração; a imprecisão do significado; a perda de motivação, uma vez que o significado de uma palavra se manterá até enquanto estiver ligada à sua raiz e a outros membros da mesma família, se esses laços forem quebrados o significado pode mudar; a polissemia que consiste em uma palavra poder adquirir um ou mais sentidos novos, sem perder o seu significado de origem; os contextos ambíguos em que uma palavra pode expressar mais de um sentido; a estrutura do vocabulário é, talvez, o mais importante dos fatores gerais da mudança do significado.

Existe, conforme vimos, uma infinita multiplicidade de causas que podem provocar as mudanças de significados.

Apontam-se geralmente três causas que concorrem para as mudanças semânticas:

As causas lingüísticas constituem as mudanças provocadas em virtude das associações a que as palavras estão submetidas na fala; as causas históricas consistem em uma língua poder ser mais conservadora que a civilização, material ou moralmente, objetos, instituições, idéias, conceitos científicos mudam no decurso do tempo, mas em muitos casos, o nome conserva, contribuindo assim para assegurar um sentido de tradição e continuidade; as causas sociais em que se constata que uma palavra da linguagem vulgar passa para uma nomenclatura especializada, como a terminologia de um ofício, de uma profissão, de uma arte, ou de qualquer outro grupo.

A esses fatores responsáveis por mudanças de significado, apresentados por Meillet, Ullmann acrescenta três:

As causas psicológicas: as mudanças de significado, às vezes, podem ser provocadas pelo estado de espírito do falante, ou algum aspecto mais permanente de sua índole mental; outro fator, que pode, também, ser responsabilizado pela mudança de significado é influência de elementos estrangeiros; o surgimento de uma idéia ou objetos novos

exige um novo nome para designá-los, podendo ocorrer a formação de uma palavra nova, a partir de elementos já existentes, ou a importação de um termo da língua estrangeira, ou a alteração do significado de uma palavra antiga. (Ullmann ,1970, p.401-6,409,411-7,435-6)

Vimos, então, que as palavras mudam de significado por fatores variados e alheios à vontade do indivíduo, usuário da língua.

Nesse sentido, Saussure posiciona-se:

Uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das conseqüências da arbitrariedade do signo". (Saussure, 1974, p. 90)

Como o nosso trabalho, tem como propósito investigar aspectos da língua falada, adotaremos, além da Semântica, os pressupostos epistemológicos da Teoria dos Campos, bem como a hipótese de Sapir - Whorf, esta tem como suporte a relação língua/cultura. E assim, cumpre-nos, então, tecer algumas considerações sobre a Teoria dos Campos, a Hipótese Sapir- Whorf, Língua e Cultura.

5.3 A TEORIA DOS CAMPOS E A HIPÓTESE SAPIR-WHORF

A história da Semântica tem como marco de uma nova fase, segundo Ullmann, (1970) a monografia de Jost Trier a respeito dos termos que significam ‘conhecimento’ e ‘inteligência’ em alemão. Esse trabalho sobre termo do ‘conhecimento’ foi a primeira tentativa que, com seriedade, introduziu na Semântica, os princípios de Saussure. Essa doutrina de Trier foi denominada ‘teoria dos campos semânticos’, que repercutiu imediatamente, tendo como seguidores alguns discípulos e lingüistas. Entretanto, as idéias de Trier foram estagnadas em decorrência da guerra, vindo a nova semântica retomar impulso definitivo por volta de 1950. Nessa Teoria, a linguagem não era considerada, apenas, como simples instrumento para expor o nosso pensamento, mas, detentora de uma influência especial capaz de moldar, pré-determinar, e direcionar os pensamentos para caminhos específicos. (Ullmann, 1970, p.15-9, 20, 22,24)

Atentemos para o que diz o semanticista a respeito de campo semântico:

[...] a teoria dos campos fornece um método valioso para abordar um problema difícil mas de crucial importância: a influência

da linguagem no pensamento. Um campo semântico não reflete apenas as idéias, os valores e as perspectivas da sociedade contemporânea; cristaliza-as, perpetua-as também; transmite às gerações vindouras uma análise já elaborada da experiência através da qual será visto o mundo, até que a análise se torne tão palpavelmente inadequada e antiquada que todo campo tenha que ser refeito.(Ullmann,1970,p. 523)

Um novo conceito de campos semânticos, segundo Ullmann, foi desenvolvido pelo lingüista francês Georges Matoré, sendo que esses campos semânticos trabalhados por Matoré eram mais voltados para os critérios *sociais*.

A teoria dos campos comunga com outra conquista da Lingüística: a Hipótese de Sapir- Whorf, no que tange à influência da linguagem no pensamento, que veio reforçar a referida teoria. A existência de tal influência não era nova, já existia antes desses estudos. Whorf, discípulo de Edward Sapir, de quem recebeu notáveis sugestões, para abordar a questão de modo inovador e profícuo, processando um estudo comparativo das línguas européias com a estrutura completamente diferente do idioma dos índios americanos, e procurou determinar quais os traços que, no pensamento e na cultura, poderiam ser causados pela influência lingüística. Suas investigações levaram-no a acreditar que cada língua contém uma ‘metafísica oculta’, que se concretiza num modo

peculiar de ver o mundo, impondo essa perspectiva a todos aqueles que falam essa língua.

A Hipótese Sapir-Whorf constituiu foco de atenção na América e tornou-se um assunto que provocou debates e investigações. As atenções foram direcionadas, principalmente, para a estrutura gramatical, e para seu impacto no pensamento, como por exemplo, *os fundamentos lingüísticos da nossa concepção de tempo, sendo os estudos lexicais relegados a um segundo plano.*

As idéias da teoria dos campos foram reforçadas com os escritos de Benjamin Lee Whorf, cujos estudos eram mais voltados para a gramática do que para o vocabulário, entretanto é na semântica em que se observa, com mais clareza, o impacto da linguagem sobre o pensamento. (Ullmann, 1970, p.524-6)

A idéia básica de Sapir, segundo Schaff (1968) é que a linguagem é um fator ativo na moldagem de nossa imagem do mundo, essa imagem varia de acordo com o sistema de linguagem empregada.

Essa idéia foi assimilada e desenvolvida por Benjamin Whorf e constituiu a base de suas pesquisas das línguas das tribos de índios norte-americanas, principalmente os Hopis. Whorf e outros estudiosos parecem confirmar a tese de Sapir a respeito do *“papel ativo da linguagem na moldagem de nossa imagem do mundo, tese que,*

interpretada moderadamente, não deveria levantar objeções de natureza filosófica.”

Whorf, através de suas pesquisas, chegou à conclusão de que o sistema de linguagem exerce influência em nosso modo de percepção, experimentos e comportamentos. O sistema da língua Hopi faz um condicionamento da percepção da realidade como eventos, e não como coisas estáticas, e condiciona, também, a interpretação específica do tempo: inexistência da categoria geral de ‘tempo’, havendo assim uma certa semelhança com a teoria da relatividade de Einstein.

Dentre os vários princípios formulados por Whorf, dois merecem destaque: o princípio do *relativismo lingüístico* que consiste em as pessoas perceberem a realidade como ela se apresenta, de conformidade com as categorias de pensamento a elas impostas pela linguagem; o segundo princípio é o da *necessidade objetiva do sistema lingüístico*, pelo qual o modo de pensar e perceber a realidade, imposto por determinado sistema de linguagem independe da consciência do indivíduo

A hipótese de Whorf conduz, também, a outras conseqüências, que são aquelas ligadas à influência do ambiente sobre a linguagem, estabelecendo, assim, uma dialética específica das relações entre

ambiente e linguagem, que nos proporciona uma eficiente proteção contra o relativismo e o convencionalismo.

Whorf e outros cientistas contemporâneos explicaram o caráter concreto das línguas dos povos primitivos mediante as diferentes condições de vida. Whorf observa que a linguagem é moldada pela realidade, pelas condições materiais da sociedade. (Cf. Schaff,1968, p. 333, 336-41)

De acordo com a Hipótese Sapir-Whorf, é a língua de uma determinada comunidade que organiza sua cultura, isto é, a maneira como esse povo absorve a realidade e que representação ele constrói do mundo. Whorf supunha que um povo em cuja língua não houvesse a categoria do tempo gramatical viveria em um eterno presente, de maneira contrária pensava Sapir, ao considerar que, por se tratar de um princípio geral: não se deveria ver a expressão direta de um aspecto de uma cultura em cada categoria gramatical. (Cf. Dubois,1978, p.617)

Sobre a determinação de um campo em lingüística Dubois considera que:

Determinar um campo, em lingüística, é, segundo os pressupostos epistemológicos, procurar descobrir a estrutura de um domínio dado, ou propor para ele uma estruturação.

A lexicologia procura definir campos lingüísticos. O termo é sempre ambíguo, visto que se poderá encarar o campo semântico de

uma palavra, o campo lexical de uma família e palavras ou o campo lexical de uma realidade exterior a língua. (Dubois, 1978, p.95)

Ressalta, ainda, que depois de Trier, Ipsen, Porzig, as primeiras tentativas para delimitar os campos incidiram, realmente, sobre *campos conceituais* p.ex., o campo das palavras que indicam “conhecimento”. Muitas dessas tentativas partiram de etnógrafos, e antropólogos. (Idem, *ibidem*, p. 95)

Em face da dificuldade para fazer a distinção do campo (semântico ou lexical) e, também, diante da variação de terminologia, e, até, de conceito atinente a esses estudos, optamos pela denominação campo léxico-semântico. Para isso, fundamentar-nos-emos na posição adotada por Pontes que, assim, justifica a preferência da associação dos dois conceitos:

Escolhemos, assim, a denominação de campo léxico-semântico, que procura atender tanto à noção de campo lexical, quanto à de campo semântico. Preferimos associar os dois conceitos por se considerar o princípio da necessidade do contexto na especificação do significado e, também, por considerarmos que léxico-semântico refere conjunto de lexemas que reúne semas comuns, observando-se suas relações com elementos extralingüísticos e estabelecendo uma relação de significado. (Pontes, 2002, p.53)

Nesta ótica, serão analisadas as palavras lexicais que representam o espaço físico, o ambiente social e o cultural da Obra São Bernardo, que se espelham no léxico regional.

5.4 LÍNGUA E CULTURA

5.4.1 LÍNGUA

Na linguagem, segundo Saussure, podemos observar dois aspectos: o social que representa a língua, e o individual que corresponde à fala, havendo entre ambas uma interdependência, a tal ponto que uma não subsistirá sem a outra. A língua representa a parte social da linguagem. A língua não pode ser criada nem modificada pelo falante, entretanto, ele precisa de uma aprendizagem a fim de poder entendê-la. A fala é a parte individual da linguagem. A língua é necessária para a inteligibilidade da fala, a fim de que esta produza os seus efeitos, ao mesmo tempo, em que a fala se torna imprescindível para o estabelecimento da língua. (Saussure, 1974, p.27)

Observemos o que afirma o referido autor:

A língua não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos pois não se sabe como inferir sua unidade.” (Saussure, 1974, p. 17)

A língua é, concomitantemente, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções que o corpo social adota, para que os indivíduos possam executar essa atividade, é a parte social da linguagem, que se deposita no cérebro de cada pessoa, é exterior ao indivíduo que a registra passivamente, e que, unicamente por si, não pode criá-la nem modificá-la.

E o citado lingüista afirma:

A língua existe na coletividade sob a forma de uma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos fossem repartidos entre os indivíduos.” (Saussure, 1974, p. 27)

Para os indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade, a língua constitui um tesouro que se acumula através da prática da fala. Virtualmente, em cada cérebro, ou melhor, no conjunto de cérebros existe um sistema gramatical. A língua só está completa na massa e não no indivíduo.

A fala, conforme afirma Saussure, é um ato individual de vontade e inteligência em que se pode destacar combinações utilizadas pelo falante para realizar o código da língua, podendo, assim, transmitir pessoalmente suas idéias, seus pensamentos. (Cf. Saussure, 1974, p. 21-2).

De Ullmann, adotamos, na íntegra, o esquema referente às diferenças entre língua e fala:

<i>Língua</i>	<i>Fala</i>
Código	Codificação de uma mensagem
Potencial	Actualizada
Social	Individual
Fixa	Livre
Movendo-se lentamente	Efêmera
Psicológica	Psico-física
Ullmann, 1970, p. 47)	

As diferenças ocorridas nesse esquema são, basicamente, variações dos dois temas: o contraste entre o atual e o potencial e entre o individual e o social. Esse tema se aproxima dos dois aspectos apresentados por Saussure: *a fala é individual e a língua é social, a língua é potencial e a fala é atual*. A língua, para o citado mestre, constitui um tesouro depositado pela prática da fala em todos os falantes de uma mesma comunidade.

A língua tem subsistência na coletividade, constitui um somatório de sinais instalados em cada cérebro, à semelhança de um dicionário, cujos exemplares são todos iguais, distribuídos entre os indivíduos, independentemente da vontade deles, já, na fala de cada indivíduo, nada há de coletivo, o que existem são manifestações individuais e momentâneas. (Saussure, 1974: 21,27-8). Vimos que o lingüista, em questão, precursor da Sociolingüística, já concebia o caráter social da língua, e seu papel de interação entre o indivíduo e a sociedade de que ele faz parte, percebendo que existe, realmente, uma forte relação entre a língua e a sociedade.

5.4.2 VARIEDADES LINGÜÍSTICAS

As variedades lingüísticas constituem modalidades diferentes no falar conforme a região e situação sociocultural, bem como aquelas que dizem respeito ao falante.

A atuação de uma língua não se apresenta uniformemente em uma determinada extensão territorial. Em um dado território, a língua se reveste de modalidades diferentes, e cada modalidade dessas, de acordo com Borba (1973), recebe o nome de dialeto. Até mesmo, em dialeto não conserva a sua unidade dentro de sua área. O dialeto pode dividir-se em decorrência do número de traços lingüísticos secundários existentes nas zonas territoriais, e essas divisões vão constituir subdialeto. Essa classificação de dialetos e subdialeto de uma língua é convencional até certo ponto, pois vai depender dos níveis lingüísticos que foram tomados como base para essa classificação. Geralmente, escolhe-se, de preferência, a Fonética, e a Morfologia, por serem mais concretas e mais fáceis de serem observadas. Em uma língua sempre ocorrem divisões que vão formar as variantes regionais reveladoras de consideráveis traços distintivos. (Cf. Borba, 1973, p. 70)

As variedades geográficas ou diatópicas, segundo Preti (1987, p. 18-27, 31-38), direcionam uma oposição basilar: linguagem urbana/linguagem rural.

Os lingüistas admitem a ocorrência de uma hipotética linguagem comum que procura fazer um nivelamento das diferenças regionais.

A crescente ampliação da linguagem comum vem dificultando a execução de uma triagem mais rigorosa entre o dialeto social culto e o popular. A linguagem urbana está cada vez mais próxima da linguagem comum pela ação deliberada que recebe dos fatores culturais (escola, meio de comunicação de massa, literatura). A linguagem rural é mais conservadora, mais isolada, mas está, paulatinamente se extinguindo com chegada da civilização.

Essas variedades geográficas ou diatópicas “*ocorrem no plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades lingüísticas que são responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares locais.*”

Tanto a linguagem urbana como a linguagem rural podem apresentar variações causadas por características do falante ou ao grupo a que pertence, ou por circunstâncias que afetam o ato da fala (situação).

5.4.3 VARIEDADES SOCIO-CULTURAIS (diastráticas)

Essas variedades socioculturais acontecem no plano vertical de uma comunidade específica urbana ou rural. Tais variações socioculturais ou diastráticas se referem a influências de fatores ligados ao falante ou ao grupo a que pertence, ou à situação, ou a ambos simultaneamente.

As variedades devidas ao falante, ou ao grupo do qual faz parte são decorrentes dos seguintes fatores:

A idade: observa-se que ocorre diferença de vocabulário ligada à faixa etária, a linguagem infantil, linguagem dos jovens, dotada de um vocabulário gírio, a linguagem adulta que pode ser correspondente a uma faixa etária pré-escolarizada; o sexo, no que tange à linguagem do “homem”, linguagem da “mulher”, dependendo da comunidade, principalmente no campo do vocabulário, em virtude de certos tabus morais, que por sua vez geram tabus lingüísticos.

Essa diferença de linguagem, hoje, tende gradativamente a se nivelar, principalmente nos grandes centros, graças aos meios de comunicação de massa (o teatro, também, em proporção pequena, tem contribuído) e à transformação dos costumes e padrões morais, e

principalmente pelas atividades que a mulher vem desempenhando fora do lar, novas profissões, condições culturais, por exemplo, estudo em escolas mistas, movimento feminista, e outros; a raça (cultura), é possível observar variações lingüísticas provenientes de fatores etnológicos; as profissões diversas, que de acordo com cada tipo, podem apresentar uma linguagem técnica ou profissional.

Nessa linguagem técnica ou profissional ocorre um vocabulário específico e também apresenta uma estrutura morfossintática condizente com a profissão. Por exemplo, podemos notar essas diferenças na linguagem de vendedores ambulantes, de médicos, de advogados, de militares quando, no exercício profissional; a posição social - “o status do falante” exige que ele tenha um cuidado todo especial com a linguagem; o grau de escolaridade, uma simples frase já poderia revelar o grau de escolaridade do falante, pela sua capacidade de refletir, seleção de variações mais cultas da língua, em função da necessidade do contexto, ou mesmo pelo hábito de situações comuns; o local em que reside na comunidade, esta pode apresentar as variantes de hábito, sem que se trate de influência regional ou mesmo rural, essas variantes de hábito dentro de uma mesma comunidade, são aquelas que, às vezes, são impostas por diferenças de áreas urbanas (bairros).

A influência de todos esses fatores de diversidade lingüística é, geralmente, mais *“acentuada no vocabulário, expressiva na fonologia e diminuta na morfossintaxe”*.

5.4.4 VARIEDADES DEVIDO À SITUAÇÃO

Além das variedades que advêm dos próprios usuários da língua, também, é possível verificar o emprego que o mesmo falante faz da língua e de suas variedades, em virtude da situação, que são fatores extraverbais que cercam o ato da fala.

Esses fatores situacionais estão ligados, apenas, às circunstâncias criadas pela própria ocasião e tempo em que os atos de fala se realizam, e também às relações que unem falante e ouvinte no momento do diálogo.

5.4.5 NÍVEIS DE LINGUAGEM

Níveis de fala (ou níveis de linguagem) ou registro, consistem nas variações feitas pelo falante de acordo com situações diferentes que se apresentam.

A linguagem formal aproxima-se da linguagem culta, a linguagem informal é própria para a utilização popular. É possível estabelecer um nível de fala ou registro intermediário entre o formal e o coloquial, também chamado hipotético, interagindo entre ambos, recebendo, contribuições de um e outro. É o chamado registro comum.

5.4.6 LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

A língua e a escrita, segundo Saussure, constituem dois sistemas distintos de signos. A escrita tem como função principal representar a língua. A língua tem uma tradição oral independentemente da escrita. Geralmente, os lingüistas conheciam as línguas através da escrita. Até, mesmo, quando se tratava da língua materna, freqüentemente, fazia-se necessária a presença de documento, e principalmente, no tocante a um

idioma falado, a certa distância, e àquele que deixou de existir, torna-se imprescindível que se recorra ao testemunho escrito.

A língua escrita revela uma posição de prestígio que pode ser explicada pelos fatores seguintes:

A imagem gráfica das palavras nos dá uma impressão de objeto sólido bem mais adequado que o som para constituir a unidade da língua através dos tempos; as impressões visuais apresentam mais nitidez e são mais duradouras que as impressões acústicas; a língua escrita apresenta-se mais valorizada em virtude da língua literária; a discordância entre a língua e a ortografia, cujo debate é difícil de ser solucionado por parte de alguém que não seja lingüista. (Saussure, 1974, p.33-6)

Há dois tipos da exposição lingüista, de acordo com Mattoso Câmara: a linguagem falada e a linguagem escrita. Na comunicação escrita, os sons que formam a linguagem humana são evocados mentalmente por símbolos gráficos. A civilização valorizou demasiadamente a escrita, mas não esqueçamos que ao lado da escrita, está a mais antiga, a mais básica: a expressão oral. O uso da palavra falada está presente nas mais diversas situações do nosso dia - a - dia. (Mattoso Câmara, 2000, p.14)

As diferenças formais que, geralmente, se observam entre a fala e a escrita, segundo Mary A. Kato, são apenas diferenças provenientes

das condições de produção e de uso de linguagem. Quando se fala sobre as diferenças entre a linguagem oral e a escrita, de acordo com a referida estudiosa, evocam-se, logo, duas modalidades invariantes, entretanto, o que, realmente, existe no interior de cada uma, é uma múltipla variação. Essa variação é decorrente de diversos fatores: as variáveis social e psicológica; o grau de letramento, o estágio de desenvolvimento lingüístico; o gênero; o registro; e a modalidade. (Kato, 1999. p. 20)

É evidente que a língua escrita e, principalmente, a língua literária, exerce uma forte influência nos hábitos lingüísticos, modificando-os e concorrendo para sua natural evolução.

5.4.7 CULTURA

A língua serve de interação entre o indivíduo e a sociedade da qual ele participa. A língua reflete a cultura de um grupo, de uma comunidade, de uma sociedade, de um povo. Entre a língua, a sociedade e a cultura existe uma íntima ligação.

Com referência à cultura, vejamos o que diz Aurélio Cultura: [Do latim cultura] é o ato, efeito, ou modo de cultivar. O termo cultura é empregado nas mais diversas acepções. Entretanto, dentre os variados conceitos de cultura apresentados por Aurélio, 1999, no momento, é do nosso interesse o que está ligado à Antropologia, acepção 11:

“O conjunto completo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolve em uma sociedade ou grupo específico, e que se manifestam em praticamente todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais, etc. [Como conceito das ciências humanas, esp. da antropologia, cultura pode ser tomada abstratamente, como manifestação de um atributo geral da humanidade ou, mais concretamente, com patrimônio próprio e distintivo de um grupo ou sociedade específica.]

Ao expor a referida acepção de cultura, o autor nos remete para a importância do conceito de cultura, como:

O conjunto de características humanas que não são inatas e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduo em sociedade; a parte ou o aspecto da vida coletiva relacionados à produção e à transmissão de conhecimentos, à criação intelectual e artística, etc. (Aurélio, 1999)

A cultura é fruto da colaboração dos membros de uma comunidade.

De acordo com (Morin, 1975, p. 170), o indivíduo, ao nascer, começa a receber a herança cultural, que lhe vem garantir a formação, orientação e desenvolvimento como ser social. A herança cultural, não apenas, vai sobrepor-se à hereditariedade genética, mas vai combinar-se com esta.

Em outra sua obra (Morin, 1986, p. 21), afirma que o conhecimento é simultaneamente biológico, cerebral, espiritual, lógico, lingüístico, cultural, social, histórico, e não pode ser desvinculado da vida humana e da relação social.

E, o referido cientista, em seu livro O Método IV, 1991, p. 17, ainda acrescenta:

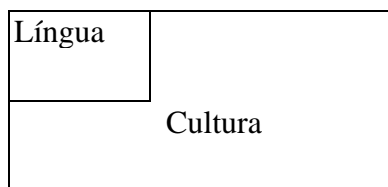
“A cultura, que é característica da sociedade humana, é organizada / organizadora via o veículo cognitivo que é a linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das

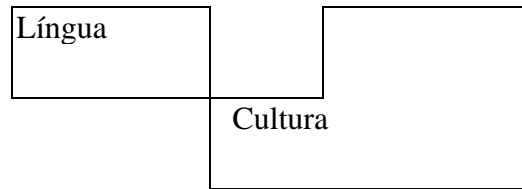
aptidões aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim, se manifestam 'representações colectivas', 'imaginário colectivo'. E, dispondo do seu capital cognitivo, a cultura institui as regras /normas que organizam a sociedade, dirigem os comportamentos individuais. As regras / normas culturais geram processos sociais e regeneram globalmente a complexidade social adquirida por essa mesma cultura”

A interligação de língua, de sociedade e de cultura não ocorre por mera causalidade, desde o nascimento o indivíduo entra em contato com um universo sociocultural, e vive cercado por um mundo de signos lingüísticos.

Os membros de uma sociedade comunicam-se através da língua, e esta depende, de toda a cultura, pois, a cada instante a língua tem de expressá-la. Para (Mattoso Câmara, 1974, p. 21) *“a língua é uma parte da Cultura, mas se destaca do todo e com ela se conjuga dicotomicamente”*.

O citado lingüista demonstrou a relação língua-cultura através do seguinte gráfico:





A finalidade da língua é expressar a cultura, fazendo com que os membros da sociedade se comuniquem. O intercâmbio cultural na sociedade se processa por meio da língua, que se encarrega, em grande parte, de adquirir e transmitir a cultura.

6. GLOSSÁRIO REGIONAL/POPULAR EM SÃO BERNARDO DE GRACILIANO RAMOS.

Glossário referente à obra São Bernardo do romancista Graciliano Ramos, 36 ed. São Paulo, Editora Record, 1980.

À VARA E A REMO = Sem poder, sem condições físicas, à força. “Uma tarde em que a velha margarida subiu a ladeira **à vara e a remo** para visitar-nos [...]” (SB, p.151).

ABARCAR O MUNDO COM AS PERNAS = Empreender numerosas coisas simultaneamente. “[...] *não prestei atenção aos que me censuravam por querer **abarc**ar o mundo com as pernas.*” (SB, p. 40).

ABRECAR = Agarrar. “[...] **abrequei** a Germana, cabritinha sarará danadamente assanhada [...]” (SB, p.13).

ABRIR A BOCA = Deslanchar, disparar. “[...] *quando a ocasião chega, desenroscam-se, **abrem a boca** - engolem tudo*”.(SB, p.40).

AFOGAR-SE EM POUCA ÁGUA = Afligir-se por pouco.“-*Ninharia, filha. Está você aí se **afogando em pouca água***”.(SB, p.110).

AGARRAR-SE AO OSSO = Aproveitar a oportunidade. “*Padilha, meio desconcertado, rosnou **agarrando-se ao osso**.*” (SB, p.49).

AMIGA DE SERVIR = prestativa, prestimosa, pronta para ajudar. “[...] *e lamentei a morte da mulher, excelente pessoa, caridosa, **amiga de servir**, sim senhor.*” (SB, p. 29).

AMOITAR = Ocultar. “*O Dr. Magalhães **amoitou-se**.*” (SB, p.65).

ANDAR COM A PULGA ATRÁS DA ORELHA = Andar desconfiado, inquieto. “*Mas para quem, como eu, **andava com a pulga atrás da orelha**. Aborrecia.*” (SB, p 120).

ANDAR DE ORELHA EM PÉ = Está desconfiado, alerta, prevenido. “*Padre Silvestre passou por S. Bernardo – eu **fiquei de orelha em pé**, desconfiado*”. (SB, p.150).

ANDAR, VIRAR, MEXER = Lançar mãos de todos os meios e recursos. “***Andei, virei, mexi**, procurei empenhos – e ele duro como beira de sino*”.(SB, p.14).

AO DEUS-DARÁ = Ao acaso, sem fim determinado, entregue à sua própria sorte. “*Agora o que não tem jeito é escafeder-se como quem vai tangido. Isso não, **ao deus-darú**, com a mão no cano e outra no fecho, não*”. (SB, p.168).

APAGAR O SORRISO = Ficou sério, sisudo. “*Azevedo Gondim **apagou o sorriso**, [...]*” (SB, p.09).

APERUAR ou PERUAR = Observar o jogo, dando palpites. “***Aperuei** meia hora e percebi que o rapaz era pexote e estava sendo roubado descaradamente.*” (SB, p.16).

APORRINHADO = Apoquentado, aflito, importunado. “*-Decerto, concordou Mendonça, visivelmente **aporrinhado** com o caboclo, [...]*” (SB, p. 31).

APOUCADO = Acanhado, pouco desenvolvido. “*D Glória retificou a espinha, ergueu a voz e desfez o ar **apoucado***”. (SB, p.75).

ARAME = Dinheiro. “*O tabelião é que não inspirava confiança. E o oficial de justiça. **Arame***”. (SB, p. 46).

ARARA (PAU DE ARARA) = Muito pobre, em situação financeira muito difícil. “*Não acreditou, disse que estava no pau de arara.*” (SB, p.18).

ARRANCA RABO = Briga, conflito. “Coisas tão fúteis – e em conseqüência um **arranca rabo** estúpido, com desaforo *grosso, Maria das Dores ouvindo, seu Ribeiro ouvindo*”. (SB, p.144).

ARRASTAR A ASA = Namorar, dirigir galanteios. “[...] *receei tornar-me ridículo, imaginando que podia o Nogueira andar também arrastando a asa para a lourinha [...]*” (SB, p.71).

ARRASTAR ENXADA = Limpar mato, capinar. “*Arrastei a enxada, no eito.*” (SB, p. 29).

ARRIAR A TROUXA = Esmorecer, fraquejar. “*Enfim, para não estarmos com prólogos, arreio a trouxa ((Sic!) e falo com o coração a mão.*” (SB, p.88).

ARRIBAR = Fugir. “[...] *e dizer que eu botei a senhora de casa para fora, que sou morto a fome, que arribou daqui com a roupa do corpo, não é?*” (SB, p.168).

ARROTAR IMPORTÂNCIA = Demonstrar esnobismo, exacerbar sentimentos de superioridade. “-*Há uns pestes por aí que principiaram como o senhor e arrotam importância.*” (SB, p.30).

ARUÁ (BESTA COMO ARUÁ) = Pessoa muito tola, muito ingênua. “*Muito ingênuo, emprenha pelos ouvidos, inteligência de peru novo, **besta como aruá.***” (SB, p.54).

ASSANHADA = Agitada, irriquieta, namoradeira. “[...] *abrequei a Germana, cabritinha sarará danadamente **assanhada** [...]*” (SB, p.13).

ATÉ DEBAIXO DA ÁGUA = Muito, muitíssimo, extraordinariamente. “*Talvez aquilo fosse bem feito, pois minha mulher sabia gramática **por baixo da água** [...]*” (SB, p.156).

ATENAZAR ou ATANAZAR = Apoquentar, azucrinar, aperrear. “*Dormia, almoçava, jantava, ceava, lia os romances á sombra das laranjeiras e **atenazava** Maria das Dores, [...]*” (SB, 111).

AZULAR = Desaparecer, sumir. “[...] *afinal Costa Brito conseguiu escapulir-se e **azulou** pelo comércio [...]*” (SB, p.73).

AZURETADO = Azoretado, apoquentado, alvoroçado, impaciente. “*Eu sou mesmo um sujeito meio **azuretado***”. (SB, p.106).

BAIXAR A CRISTA = Humilhar-se, render-se. “*O que eu não queria era **baixar a crista** logo no primeiro encontro.*” (SB, p.27).

BAIXAR O FOGO = Arrefecer o ardor, a coragem o entusiasmo. “*Às vezes o bom senso me puxava as orelhas*”: -**Baixa o fogo** sendeiro. *Isso não tem pé nem cabeça.*” (SB, p.150).

BAMBO = Amorrinhado, mole. “*Se crescer assim **bambo**, meto-o no estudo para doutor*”. (SB, p.174).

BANDO DE FILHOS DAS PUTAS = Mau caráter, sacana. “*-Eu sou algum Marciano, **bando de filhos das putas?***” (SB, p.157).

BARATA (CHUPAR UMA BARATA) = Ser enganado, bigodeado, logrado, não obteve o que lhe foi prometido. “*Por esse tempo encontrei em Maceió, **chupando uma barata** na Gazeta do Brito, um velho alto, magro, curvado, amarelo ,de suíças, chamado Ribeiro.*” (SB, p. 35).

BATE-BOCA = Teima, discussão violenta. “Um **bate-boca** oito dias depois do casamento”. (SB, p.101).

BATER AS BOTAS = Faleceu. “Mendonça recebeu um tiro na costela midinha e **bateu as botas** ali mesmo na estrada, perto de Bom-Sucesso.” (SB, p. 34).

BATER COM A LÍNGUA NOS DENTES ou DAR COM A LÍNGUA NOS DENTES = Revelar um segredo, cometer uma indiscrição, contar tudo o que sabe. “Era provável que D.Glória houvesse **batido com a língua nos dentes**.” (SB, p.88).

BATER COM AS VENTAS ou DAR DE CARA= Encontrar-se de chofre. “*Ja tão cego que bati com as ventas em Madalena, que saía da igreja*”.(SB, p.157).

BATOTA = Trapaça. “*Selvagens! rosnavam agüentando as batotas no bacará*.” (SB, p.18).

BAXAR A PANCADA = Humilhar. “*Amunhecaram e baixei a pancada*”. (SB, p. 61).

BEBER ÁGUA DE CHOCALHO = Falar em excesso. “*Falava como quem bebeu água de chocalho*”. (SB, p.173).

BENZA-O DEUS! = Esconjuro para afastar desgraças. “*Vejam se na cidade, ciscando nos fundos dos quintais, se criava um peru deste tamanho. Que bicho fornido. Benza-o Deus*”. (SB, p. 125).

BERRAR = Chorar alto. “*Às vezes ficava roxo de berrar, e receei que estivesse morrendo quando padre Silvestre lhe molhou a cabeça na pia.*” (SB, p.136).

BERRAR = Chorar alto. “*O pequeno berrava como bezerro desmamado*”. (SB, p. 123).

BERRAR = Falar muito alto, gritar. “[...] *berrei um sermão comprido para demonstrar que era eu que trabalhava para eles.*” (SB, p. 61).

BERRAR = Gritar. “- *Vai-te embora, berrei de novo.*” (SB, p.158).

BERRAR = Publicar, divulgar nos jornais. “- *Mas que é que a oposição faz senão berrar nos jornais e nos meetings contra isso?*”. (SB, p.69).

BERRAR = Gritar. “*Às vezes ficava roxo de **berrar**, [...]*” (SB, p.136).

BERRAR = Vociferar, falar colericamente. “[...] **berrei** *um sermão comprido para demonstrar que era eu que trabalhava para eles*”. (SB, p. 61).

BERROS = Gritos muito altos. “*E eu já não ouvia os **berros** do Gondim.*” (SB, p.177).

BESTA = Pessoa tola, convencida, pedante. “*Não valia a pena prestar atenção a semelhantes insignificâncias. Gente **besta**.*” (SB, p.123).

BESTA COMO ARUÁ = Tolo ou ingênuo em demasia. “*Muito ingênuo, emprenha pelos ouvidos, inteligência de peru novo, **besta como aruá***”. (SB, p.54).

BESTAR = Andar à toa, sem rumo. “*Percorri a cidade, **bestando**, impressionado com os olhos da mocinha loura [...]*” (SB, p.70).

BESTAR = Andar ao acaso, à toa, sem destino, errar, vagar, vagabundear. “*Percorri a cidade **bestando**, impressionado com os olhos da mocinha loura [...]*” (SB, p.70).

BESTIDADE = Asneira, burrice, disparate, tolice. “*Escola! **Bestidade**. Abri uma na fazenda e entreguei-a ao Padilha*” (SB, p.77).

BESTIDADE = Besteira, tolice, asneira. “*Escola! **Bestidade**. Abri uma na fazenda e entreguei-a ao Padilha*”. (SB, p.77).

BEZERRINHOS = Crianças crescidas. “*E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de deus.*” (SB, p.182).

BEZERRO (BERRAR COMO BEZERRO DESMAMADO) = Chorar fazendo alarido. “*O pequeno berrava como **bezerro desmamado**.*” (SB, p. 123).

BIBOCAS = Lugar remoto, lugar encoberto de difícil acesso, gruta, socavão. “*Uma senhora instruída meter-se nestas **bibocas***”. (SB, p.124).

BICHADO (FEIJÃO BICHADO) = Sem valor, reles, impróprio para o uso. “*-Minha sobrinha não é **feijão bichado** para andar se oferecendo.*” (SB, p. 87).

BICHÃO = Pancada, cisão, mulher corpulenta, bonita. “*D. Marcela era bichão*”. (SB, p.68).

BICHÃO = Mulher corpulenta, bonita. “*D.Marcela era um bichão.*” (p.68, linha 14)

BICHINHO “*É caridosa, de quebra, até com os bichinhos do mato.*” (SB, p. 144).

BICHO (BICHO ESQUISITO) = Ser estranho, excêntrico, que foge ao âmbito da compreensão, do domínio da personagem. “[...] *mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.*” (SB, p. 59).

BICHO (BICHO NA CAPAÇÃO) = Desespero, sofrimento psicológico, tortura mental. “*De bicho na capação (falando com pouco ensino), espernee nas unhas do Pereira,[...]*” (SB, p. 13).

BICHO = Qualquer dos animais terrestres, à exceção do homem, ou seja, qualquer animal diferente da espécie humana. “*Mato? Santo Deus! Mato só para bicho. E o senhor vive no mato?*” (SB, p.75).

BICHO = Ser, ente. “[...] e sempre me pareceu que mulher é um **bicho** esquisito, difícil de governar”. (SB, p.59).

BICHO DE FÔLEGO = Criatura vivente, ser vivo. “-*Quem está aí? É bicho de fôlego ou é marmota?*” (SB, p.151).

BICHO NA CAPAÇÃO = Animal submetido à castração. “*De bicho na capação (falando com pouco ensino), esperneeí nas unhas Pereira, [...]*” (SB, p. 13).

BICHOS (BICHOS DO MATO) = Indivíduos que trabalham no campo, matuto, anti-social. “[...] **bichos do mato** como *Casimiro Lopes, [...]*” (SB, p.182).

BICHOS (BICHOS DOMÉSTICOS) = Pessoas que vivem em casa, que desempenham atividade dentro de casa. “*Havia bichos domésticos, como o Padilha, [...]*” (SB, p.182).

BICHOS = Pessoas trabalhadoras, dóceis, destinadas aos serviços do campo, como se fossem bois mansos. “[...] e muitos **bichos** para o serviço do campo, bois mansos.” (SB, p.182).

BICHOS = Animais pertencentes à espécie humana, tratados desumanamente. “*Bichos. As criaturas que me serviam durante anos eram **bichos**.*” (SB, p.182).

BICHOS = Indivíduo qualquer. “*Bichos. As criaturas que me serviam durante anos eram **bichos**.*” (SB, p.182).

BICHOS = Trabalhadores que mudaram de atividade. “***Bichos**. Alguns mudaram de espécie e estão no exército, volvendo à esquerda, volvendo à direita, fazendo sentinela. Outros buscaram pastos diferentes.*” (SB, p.182).

BINGA = Isqueiro de chifre, também, chamado artifício de fogo, corrimboque ou tabaqueira de chifre. Lampião de querosene. “[...] se eu mandar o Nogueira tocar fogo na **binga**, você fica de saco nas costas.” (SB, p.24).

BOCADO = Um pouco. “*Com um **bocado** de boa vontade, em uma semana estamos na igreja.*” (SB, p.89).

BODE (PINTAR O BODE) = Pintar o sete, pintar o caneco, pintar o diabo, fazer diabruras, praticar travessuras, desatinos, pandegar. “*Na opinião do Silveira, as normalistas **pintam o bode** [...]*” (SB, p.133).

BODES = Protestantes. “[...] *um homem que aprendeu leitura na cadeia, em carta de ABC, em almanaques, numa bíblia de capa preta, dos **bodes.***” (SB, p.107).

BOIADA (POR FALTA DE UM GRITO SE PERDE UMA BOIADA) = Por falta de uma pequena precaução, ocorre um prejuízo grande. “*Muitas vezes **por falta de um grito se perde uma boiada.***” (SB, p.161).

BOIS (BOIS QUE PASTAVAM NELES ERAM COMO BRINQUEDOS DE CELULÓIDE) = Peças decorativas, sem fins lucrativos. “*O capim gordura tinha virado grama, e os **bois que pastavam neles eram como brinquedos de celulóide.***” (SB, p. 155).

BOIS = Animais bovídeos. “*Não era melhor que fôssemos como os **bois? Bois com inteligência?***” (SB, p.148).

BOLANDEIRA = Grande roda dentada do engenho de açúcar, máquina de descaroçar algodão. “*Trouxeram máquinas e a **bolandeira** do major parou*”. (SB, p.37).

BOTAR OS QUARTOS DE BANDA = Escusar-se habilmente, fugir a um compromisso. “*Depois **botou os quartos de banda** e enxeriu-se com o João Fagundes, um que mudou o nome para furtar cavalos.*” (SB, p.13).

BRENHA = Mata espessa, matagal. “*Morar nas **brenhas!***” (SB, p. 85).

BROCAR = Cortar (mato miúdo) com foice, brocar. “[...] gente para tirar baronessas do açude e **brocar** um pedaço de capoeira [...]” (SB, p.56).

BUCHA = Coisa muito incômoda, desagradável, sem valor. “*Vocês engolem muita **bucha**, Gondim*”. (SB, 92).

BURRA = Estúpida, imbecil. “- *Em que estará pensando aquela **burra.***” (SB, p. 155).

BURRA= Idiota, estúpida, asnática. “- *Em que estará pensando aquela burra*”.(SB, p. 155).

BURROS (DAR COMOS BURROS NA ÁGUA) = Não se conter; perder o autodomínio, o controle, fazer tolice, asneira. “*Passadas mansinhas, olhos baixos, voz sumida, - estava mesmo a preceito para alcoviteira. Antigamente devia ter dado com os burros na água.*” (SB, p.150).

BURUNDANGAS = Mistura de coisas imprestáveis. “*Peguem as suas burundangas e danem-se*”. (SB, p.60).

CABALAR = Aliciar, peitar, subornar. “- *E nos exames ainda tinha tempo de cabalar os examinadores*”.(SB, p.116).

CABEÇA = planos, imaginação: “-*Já se vê que não sou o homem ideal que a senhora tem na cabeça*”. (SB, p.89).

CABELOS BRANCOS = Muito velhos, muito antigos. “*Está aqui enrascado numa conta de cabelos brancos*”. (SB, p.55).

CABRA = Morador de propriedade rural.“*Grande acontecimento, três ou quatro muxicões num cabra.*” (SB, p.110).

CABRITINHA = Mestiça nova, no começo da adolescência. Cabrocha, mulata mestiça ainda nova. “[...] *abreequei a Germana, cabritinha sarará danadamente **assanhada** [...].*” (SB, p.13).

CABRITO = Menino levado, traquinas, artiloso, moleque. “*O **cabrito fugiu***”. (SB, p.159).

CABRITO = Menino levado, traquinas, moleque. - *Fechar a igreja, seu Paulo. [...] - Que estás fazendo, peste? “O **cabrito fugiu**.”* (SB, p.159).

CACARECOS ou CACARÉUS = Trastes, utensílios velhos. “*Amofinou-se uma semana, desfez-se dos **cacarecos** e foi procurar os filhos*”. (SB, p.38).

CACHORRA (COMER UMA CACHORRA INSOSSA) = Passar sérias dificuldades. “*Diabo! Vocês comeram uma **cachorra insossa**,*” (SB, p.116).

CACHORRA = Cínica, desavergonhada, devassa. “*-Assassino! Atordoado, murmurei: -**Cachorra!***” (SB, p.140).

CACHORRO DOIDO = Cachorro doente de raiva, com hidrofobia. Louco, enfurecido, furioso. “*E não me venha com a sua justiça, porque se vier, eu viro **cachorro doido** e o senhor morre na faca cega.*” (SB, p.15).

CACOS = Resto. “[...] *engoliu em seco, apanhou os **cacos** da sua pequenina vaidade e replicou amuado que o artista não pode escrever como fala.*” (SB, p.09).

CADA MACACO NO SEU GALHO = Cada um deve ater-se à sua condição. “*Mas é tolice querer uma pessoa ter opinião sobre um assunto que desconhece. **Cada macaco no seu galho.***” (SB, p. 100).

CADA QUAL É DONO DO SEU NARIZ = Independente, responsável pelo que faz ou pelo que diz. “*-Está bem. **Cada qual é dono do seu nariz.***” (SB, p.168).

CADA QUAL SE REMEDEIA COM QUE TEM = Servir-se de coisa inferior, ou estragada à falta de outra melhor, arranjar-se, arrumar-se. “*É o que tenho. **Cada qual se remedeia com o que tem.***” (SB, p. 23).

CAFUNDÓS = Lugar ermo, remoto. “*O que agora me importava eram as caixas com o material pedagógico inútil nestes **cafundós***”. (SB, p.109).

CAFUS = Ao cair da tarde, ao anoitecer, ao lusco-fusco. “*Ali pelos **cafus** desci as escadas bastante satisfeito.*” (SB, p.156).

CÁGADO = Personagem cujo aspecto se assemelha ao cágado. “*Marciano encolhia-se, levantava os ombros e intentava meter a cabeça dentro do corpo. **Parecia um cágado***” (SB, p. 61).

CAIR DE PODRE = Perder a posição, o prestígio em virtude de falcatruas praticadas. “*-Para quê? A facção dominante está **caindo de podre***”. (SB, 127).

CAMARADAGEM = Convivência de camarada, convivência íntima e agradável. “*Padilha, por **camaradagem**, consentiu em receber sessenta.*” (SB, p.25).

CANELAS FINAS COMO GRAVETOS = Pernas muito finas, magras. “*À beira do riacho, topei a velha Margarida sentada numa pedra, lavando as **canelas finas como gravetos.***” (SB, p.118).

CANINA (FOME CANINA) = Com muita fome, faminto, esfomeado. “*Esses bacharéis têm fome canina, [...]*” (SB, p.24).

CÃO (FARO DE CÃO) = Perspicácia, coragem, dinamismo, assemelhando-se ao olfato apurado do cão. “*Gosto dele. É corajoso, laça, rasteja, tem faro de cão e fidelidade de cão.*” (SB, p.15).

CÃO (FIDELIDADE DE CÃO) = Fidelidade extrema. “*Gosto dele. É corajoso, laça, rasteja, tem faro de cão e fidelidade de cão.*” (SB, p.15).

CÃO (OLHOS DE CÃO) = Olhos pidões, piedosos, compassivo. “[...] e, preparando o cigarro de palha, deitava os **olhos de cão** ao prado, ao açude, à igreja, às plantações.” (SB, p. 123).

CAPOEIRA = Mato fino em terreno onde houve árvore de grande porte, ou que foi utilizado em cultura. “[...] deixava a propriedade coberta de **capoeira** e o engenho de fogo morto”. (SB, p.179).

CAPOEIRA = Vegetação que se desenvolve nos terrenos onde houve lavoura. “[...] gente para tirar baronesas do açude e brocar um pedaço de **capoeira** [...]” (SB, p. 56).

CARA (GOSTAR DA CARA) = Simpatizar. “- *Sim. Encontrei-a uma noite destas e gostei da cara. É moça direita?*” (SB, p. 85).

CARADURA = Cara -de -pau, cínico, imprudente, sem vergonha. “- *Um caradura, não é?*” (SB, p.65).

CARAMBOLA = Bola vermelha do bilhar. “[...] *e no bilhar do Sousa, quando a carambola falha, insultar os políticos umas, umas toupeiras.*” (SB, p.177).

CARINHA DE SANTA = Ingênua. “*Está mouca, aí com a sua carinha de santa?*” (SB, p. 139).

CARITÓ = Cômodo. Pode ser, também, pequenas prateleiras, ou nichos escavados nas paredes dos quartos ou salas da casa dos sertões, onde se guardavam objetos miúdos. “*E a casa é grande tem uma porção de caritós*”. (SB, p. 94).

CARRAPATO = Ironia à moça que namora qualquer um que apareça. “-*Mulher não vai com carrapato porque não sabe qual é o macho*”. (SB, p.151).

CARRAPATO = Quantidade demasiada. “*Se tinha Ora se tinha! Inimigo como carrapato.*” (SB, p. 34).

CARRASPANA = Porre, pileque, bebedeira. “-*Alguma carraspana que ele tomou?*” (SB, p.85).

CARTA = Diploma. “*Vejo que possui uma carta. Quanto lhe rende? Se não tem pai rico, deve ser promotor*”. (SB, p.77).

CATERVAGEM = Quantidade. “[...] *estaria aqui aproveitando esta catervagem de belezas*”. (SB, p. 155).

CAVALO (CASCO DE CAVALO) = Muito duro. “*As palmas eram enormes gretadas calosas, duras como casco de cavalo.*” (SB, p.138).

CAVALO (CAVALO AMARRADO TAMBÉM COME) ou CAVALO PEADO TAMBÉM COME = Argumento de maridos prevaricadores. “*Deus me perdoe, desconfiei. Cavalo amarrado também come.*” (SB, p.150).

CAVALO (CAVALO DE MATUTO) = Trabalhar muito, trabalhar como escravo. “*Pancada em d. Glória também, que tinha gasto anos*

trabalhando como cavalo de matuto para criar aquela cobrinha.” (SB, p.137).

CAVALO (TIRAR O CAVALO DA CHUVA) = Desistir de um propósito, de um intento.“-*Tire o cavalo da chuva, rapaz. Eu ouvi.*” (SB, p.146).

CAVAR A VIDA = Procurar trabalho, lutar pela sobrevivência. “*Era melhor cavar a vida fora*”. (SB, p.96).

CAVAR UM OSSO = Cavar um emprego, uma ocupação. “-*Dê-me ao menos alguns dias para arrumar os troços e cavar um osso*”. (SB, p. 145).

CHASQUEAR = Dizer chasco, zombar, escarnecer. “-*E para que recorre? Chasqueou Madalena*”. (SB, p. 113).

CHAVE = Instrumento que serve para abrir horizontes para uma vida melhor. “-*A instrução é indispensável, a instrução é uma chave [...]*” (SB, p.91).

CHIFRINS (Chifrim) = Coisa ridícula, ordinário, reles, insignificante, peba, chué. “*Volto a sentar-me, releio estes períodos **chifrins**.*” (SB, p.10).

CHOCHA = Fútil, simplória. “*O discurso que atirei ao mocinho do rubi, por exemplo, foi mais enérgico e mais extenso que as linhas **chochas** que aqui estão.*” (SB, p.77).

CHOVE-NÃO-MOLHA = Ficar indeciso, não ir para diante nem para trás. Deixei de **chove-não-molha**, repliquei troçando com ele”. (SB, p. 146).

CHOVER NO MOLHADO = Obter algo que já se tem em abundância. Tentar convencer para obter algo sem resultado. “*Afinal eu estou **chovendo no molhado***”.(SB, p.147).

CHUPAR UMA BARATA = Ser bigodeado, iludido, não obter o que desejava. “*Por esse tempo encontrei em Maceió, **chupando uma barata** na Gazeta do Brito, um velho alto, magro, curvado, amarelo, de suíças, chamado Ribeiro*”. (SB, p. 35).

COBRAS = Ofensivas, injuriosas, afrontosas. “[...] *as expressões mais inofensivas e concretas eram para mim semelhantes às **cobras**: [...]*” (SB, p. 154).

COBRINHA = Pessoa de gênio irascível, encolerizável, pessoa traiçoeira, perversa. “[...] *que tinha gasto anos trabalhando como cavalo de matuto para criar aquela **cobrinha**.*” (SB, p.137).

COM A CARA MEXENDO = Inseguro, confuso. “*Pouco seguro **com a cara mexendo**. Naturalmente ele compreendeu que era mentira.*” (SB, p.31).

COM A MÃO ATRÁS E OUTRA ADIANTE = Em estado de penúria, sem recursos, com as mãos vazias. “– *Dê-me pelos menos alguns dias para arrumar os troços e cavar um osso. Eu não posso sair assim **com uma mão atrás, outra adiante**.*” (SB, p.145).

COM A ROUPA DO CORPO = Com a roupa que trazia consigo. “[...] *arribou daqui **com a roupa do corpo**, não é?*” (SB, p.168).

COM OS DIABOS = Muitíssimo. “[.] *mas agradava-me **com os diabos**.*” (SB, p.68).

COM UMA NO CANO, OUTRA NO FECHO = Sem dinheiro, que não dispôr de recurso, ou de meios, para sobreviver, de estar na miséria. “*Isso não. Ao Deus dará. Com uma no cano, outra no fecho, não*”. (SB, p.168).

COMER DA BANDA PODRE = Achar-se em má situação. “*-É comer agora da banda podre. E calado*”. (SB, p.174).

COMER UMA CACHORRA INSOSSA = Passar sérias dificuldades. “*Impressionado com aquela pobreza, exclamei:- Diabo! Vocês comeram uma cachorra insossa*”. (SB, p.116).

COMO ANDAVA AQUELA CABEÇA = Estado de perturbação, desnorreamento, desorientação. “*Meu Deus! Como andava aquela cabeça!*”. (SB, p.162).

COMO SE ME QUISESSE COMER COM OS OLHOS = Com olhar insistente, desejo mal contido. “[...] pôs-se a observar-me *como se me quisesse comer com os olhos* muito abertos.” (SB, p.158).

CORAÇÃO DE OURO = Pessoa extremamente bondosa, generosa. “*A senhora dona Glória é um **coração de ouro** e versa diferentes temas com proficiência, [...]*” (SB, p.113).

CORPO (TORCER O CORPO) = Livrar-se de algum trabalho ou complicação. Eximir-se de alguma incumbência, ou situação indesejável. “*Andou. Necessidade. Ele não é ruim. Queria duzentos mil-réis, coitado, e eu **torci o corpo**.*” (SB, p. 83).

CORTAR CORAÇÃO = Ter grande piedade, dó, compaixão, pena. “[...] *a escola funcionava normalmente e fazia **cortar coração** deixar tantas crianças **sem** o pão do saber*”. (SB, p.60).

CORUJA = Ave noturna, considerada agoureira. “*Uma **coruja pia** na torre da igreja. Terá realmente **piado a coruja?***” (SB, p.103).

CORUJA = Ave noturna, considerada agoureira. “*Abandonei a empresa, mas um dia destes ouvi novo pio de **coruja** [...]*” (SB, p.09).

CORUJA = Ave noturna, considerada agoureira. “*Na torre da igreja uma **coruja piou**. Estremeci, pensei em Madalena*”. (SB, p.09).

CORUJA = Ave noturna, considerada agoureira. “*Quanto às corujas, Marciano subiu ao forro da igreja e acabou com elas a pau.*” (SB, p.104).

CORUJA = Ave noturna, considerada agoureira. “[...] enquanto escrevia a um certo sujeito de Minas, recusando um certo negócio confuso de porcos e gado zebu, ouvi um **grito de coruja** e sobressaltei-me. (SB, p.180).“- *Mais uma .É um corujão da peste, seu Paulo.*” (SB, p.155).“Era possível que o assobio fosse **grito de coruja**.” (SB, p.153).“*Uma coruja gritava.* (SB, p.155). “*Uma tarde subi à torre da igreja e fui ver Marciano procurar corujas. Algumas se haviam alojado no forro, e à noite era cada pio de arrebentar os ouvidos da gente. Eu desejava assistir à extinção daquelas aves amaldiçoadas.*” (SB, p.154).

DANADAMENTE = Incrivelmente. “[...] abrequei a Germana, cabritinha sarará **danadamente** assanhada [...]” (SB, p.13).

DAR AS CARTAS E JOGAR DE MÃO = Estar em posição privilegiada, ter todas as facilidades, vantagens. “-*Acho. Antigamente deu cartas e jogou de mão. Hoje é refugo. Um sujeito decente, coitado*”. (SB, p.161).

DAR COM O COTOVELO = Esqueceu, não deu atenção, não se importou. “[...] e na hora da onça beber água, **deu-me com o cotovelo**, [...]” (SB, p. 14).

DAR COM OS BURROS N’ÁGUA. = Não se conter; perder o autodomínio. “*Passadas mansinhas, olhos baixos, voz sumida, - estava mesmo a preceito para alcoviteira. Antigamente devia ter **dado com os burros na água***”. (SB, p.150).

DAR DE MÃO BEIJADA = Dar sem remuneração, sem nada receber de troca, de graça. “*Sacrificar-me e no fim entregar a mercadoria **de mão beijada** a esses velhacos!*” (SB, p.178).

DAR O PÉ E TOMAR A MÃO = Abusar da confiança dada. “ - *Insolente! **Dá-se o pé, e quer tomar a mão.***” (SB, p. 108).

DAR PARA IR ROENDO = Passar, levar a vida, sobreviver. “*Vai retirar uma fortuna. Sempre **dá para ir roendo***”. (SB, p.172).

DAR POR VISTO = Fato verdadeiro, é mesmo que está vendo. “***Dou por visto** o que este sem-vergonha ensina aos alunos*”. (SB, p.60).

DE CABO A RABO = Do princípio ao fim. “*Essa conversa, é claro, não saiu **de cabo a rabo** como está no papel*”. (SB, p. 77).

DE CHOFRE = Repentinamente. “– *Pois até logo, exclamei de **chofre***.” (SB, p. 31).

DE FACA NO PEITO = Forçado a tomar uma decisão, um pronunciamento, uma atitude, ou um ato qualquer, encostar na parede. “*Devo, não nego, mas como hei de pagar assim de **faca no peito?***” (SB, p.23).

DE PERNAS PARA O AR = Costa no chão, caído. “*Você havia de trepar Gondim, se o nosso partido não tivesse virado **de pernas para o ar***.” (SB, p.177).

DE PORTA ABERTA = De maneira manifesta, evidente, liberal, sem preconceito, publicamente, à disposição de qualquer um. “*Quando me soltaram, ela estava na vida, **de porta aberta**, [...]*” (SB, p.13).

DEIXAR A PEROBA = Deixar o serviço, deixar o trabalho. “*Lá na fazenda o trabalhador mais desgraçado está convencido de que, se **deixar a peroba**, o serviço emperra*”. (SB, p.67).

DEIXAR AS PERNAS = Ficou inerte, sem atividade, pobre, indigente. “[...] o senhor **deixou as pernas** debaixo de um automóvel, seu Ribeiro”. (SB, p.38).

DEIXAR DE TANGA = Paupérrimo, na miséria. “Depois vinguei-me: hipotecou-me a propriedade tomei-lhe tudo, **deixei-o de tanga.**” (SB, p.14).

DEIXAR O CERTO PELO DUVIDOSO = Correr o risco de perder os dois, e ficar sem nada. “Estou em seis anos de magistério, **não deixo o certo pelo duvidoso**”. (SB, p. 88).

DENTE POR DENTE = Com desforra igual à ofensa. “Gondim detestava acordos. **Dente por dente, percebíamos?**” (SB, p.176).

DENTE ROENDO = Apropriar-se indevidamente do dinheiro alheio, enriquecer ilicitamente. “Muito **dente roendo o tesouro**”. (SB, p. 69).

DESEMBURRAR = Polir, civilizar. “Levantei-me, arredei-me para não prejudicar a integridade do juiz e para **desemburrar-me um pouco.**” (SB, p. 67).

DEVER OS CABELOS DA CABEÇA = Estar muito endividado. “*Contenta-se com a renda mofina do jornal e **deve os cabelos da cabeça.***” (SB, p.177).

DOENÇA DO MUNDO = Moléstia venérea. “[...] *ela estava na vida, de porta aberta, **com doença do mundo.***” (SB, p.13),

ÉGUA (FILHO DE UMA ÉGUA) = Filho de uma puta. “-*Então seu **filho de uma égua,** esses artigos.*” (SB, p. 73),

ÉGUAS = Merittrizes. “*Alcoviteira, desencaminhara a sobrinha. Sempre de acordo, aquelas duas **éguas.***” (SB, p.150).

EITO = Limpeza de uma plantação por turmas que usam enxadas. Roça onde trabalham escravos. “*A gente do **eito** se esfalfaria de sol a sol [...]*” (SB, p.181).

EITO = Serviço do campo. “*Arrastei a enxada, no **eito.***” (SB, p. 29).

EMA (BARRIGA DE EMA) = Não cumprir o prometido. “*Mas o Brito tem barriga de **ema:** desprezou o aviso e mandou-me diversas cartas as primeiras com choro, as últimas com exigências.*” (SB, p. 63).

EMBARCAR EM CANOA FURADA = Meter-se em negócios arriscados; não se deixar lograr. “-*Juízo de galinha! Embarcando em canoa furada! Tontos*”. (SB, p. 61).

EMBELECOS= Estorvos, obstáculos, empecilhos. “*Discutimos duas horas, repetindo os mesmos embelecós, sem nenhum resultado.*” (SB, p.25).

EMBIRADO = Casado. “[...] *eu e sua sobrinha dentro de uma semana estamos embirados*”. (SB, p.94).

EMBIRAR = Atar com embira, ligar, prender, unir-se pelo casamento, casar-se. “*Tudo isso é fácil quando está terminado e embira-se em duas linhas [...]*” (SB, p.11). “[...] *eu e sua sobrinha dentro de uma semana estaremos embirados.*” (SB, p, 94).

EMPALAMADOS = Pálido, anêmico, opilado, doente de opilação (obstrução de um ducto natural). “*Garotos empalamados e beiçudos agarravam-se às saias delas*”.(SB. p.107).

EMPRENHAR PELOS OUVIDOS = Dar crédito a tudo que ouve dizer, ser excessivamente crédulo. “*Muito ingênuo, **emprenha pelos ouvidos, [...]***” (SB, p.54).

EMPULHAR= Dizer pulhas, mentiras, enganar, iludir, lograr, troçar, zombar. “*Quanto às teorias, aquilo era só para matar tempo e **empulhar** o Casimiro*”. (SB, p.60).

ENCAFUAR = Meter em cafua, em esconderijo, ocultar. “- *Pois uma menina como aquela **encafuar-se** num buraco, seu...*” (SB, p. 76).

ENCHER DE FOLHAS AS VENTAS = Enganar, ludibriar. Estimular a vaidade, o orgulho, a revolta. “-*Sim, você, que anda **enchendo de folhas as vendas** daquele sem-vergonha*”. (SB, 108).

ENCOIVARAR = Juntar (o resto do mato mal queimado) em coivaras, em preparativo de um roçado, para queimá-lo novamente. “*Se eu possuísse metade da instrução de Madalena, **encoivarava** isto brincando*”. (SB, p.10).

ENGOLIR EM SECO = Não poder responder a um insulto ou a um carão. “*O infeliz defendia-se. Com as humilhações continuadas, limitava-se por fim a engolir em seco*”. (SB, p.132).

ENGOLIR EM SECO = Silenciar diante de um insulto. “*Azevedo Gondim, apagou o sorriso, e engoliu em seco, [...]*” (SB, p.09).

ENRAIZAR = Fixar, estabelecer. “*Seu Ribeiro enraizou-se na capital*”. (SB, p.38).

ENSEBAR AS CANELAS = Fugir. “*Daí em diante encantou-se. Disseram-me que tinha ensebado as canelas para S. Bernardo.*” (SB, p.20).

ENSINAR O BÊ-A-BÁ = Instrução rudimentar, as primeiras letras. “*Perdoe a indiscrição, quanto ganha a sua sobrinha ensinando o bê-a-bá?*” (SB, p. 76).

ENSINAR RATO A FURAR ALMOTÍLIA = Ser perito, hábil, esperto, sagaz, matreiro. “*O doutor, que ensinou rato a furar almotília, sacudiu-me a justiça e a religião.*” (SB, p.14).

ENTORTAR O FOCINHO ou TORCER O FOCINHO = Mostrar enfado ou desagrado. “*No meio das canseiras a morte chega, o diabo carrega a gente, os amigos **entortam o focinho** na hora do enterro, depois esquecem até os pirões que filaram*”. (SB, p.149).

ENTRAR COM O PÉ ESQUERDO = De maneira infeliz, com azar, mal. “*Entrei nesse ano com o pé esquerdo*”. (SB, p. 178).

ENTRAR NA DANÇA = Meter-se em negócio, assunto, empresa, a que era estranho ou que oferece dificuldade. Envolver-se no negócio, na questão, na briga, no conflito. “*E até eu, que ignoro os assuntos que eles debatiam, **entrei na dança***”. (SB, p.125).

ESBODEGADO = Esbaforido, cansado, apressado, desleixado. “*Marciano, mulato **esbodegado**, regalou-se, [...]*” (SB, p.59).

ESBREGUE = descompostura, repreensão. “*O safado do velhaco, turuna, homem de facão grande no município dele, passou-me um **esbregue***.” (SB, p.14).

ESCAFEDER = Fugir sorrateiramente. “*Agora o que não tem jeito é **escafeder-se** como quem vai tangido*”. (SB, p.168).

ESCORREGAR PELOS CABELOS = Fugir, escapar, desaparecer.
“Apanhei o pensamento que *lhe escorregava pelos cabelos emaranhados* [...]” (SB, p.28).

ESPERNEAR NAS UNHAS = Sofrer constrangimento, amargura. “[...] *esperneeï nas unhas do Pereira que me levou músculo e nervos, aquele malvado.*” (SB, p.13).

ESPIAR MARÉ = Observar o fluxo e refluxo dos acontecimentos.
“*Tenho marombado espiado maré, porque o chefe era ele*”. (SB, p.55).

ESPICHADA = Esticada, alongada. “*D. Glória, cada vez mais espichada, agastou-se.*” (SB, p.168).

ESPOLETA = Indivíduo servil, bajulador. leva-e-traz. “Bem feito. Se eu não servisse de **espoleta** a sua mulher, não acontecia isto”. (SB, p.145).

ESTAR COM A CORDA NO PESCOÇO = Muito necessitado, muito endividado. “*Não tenciono ver um camarada com a corda no pescoço.*” (SB, p.24).

ESTAR DE PÉ = Estar assente, firme, combinado, continuar em vigor.

“ – O convite **está de pé**, *sim senhora, e eu tenho a sua promessa de ir passar uns dias na fazenda.* ” (SB, p. 81).

ESTAR LISO = Sem dinheiro. “*Se me virarem hoje de cabeça para baixo, não cai do bolso um níquel. **Estou liso.***” (SB, p.23).

ESTAR NA VIDA = Cair na vida, prostituir-se. “*Quando me soltaram, ela **estava na vida**, de porta aberta, com doença do mundo.*” (SB, p.13).

ESTAR PARIDO ou SER PARIDO = Muito cuidadoso, extremamente dedicado. “Que diabo tem você com o Marciano *para **estar tão parida** por ele?*” (SB, p. 110).

ESTOPADAS = Coisa enfadonha, chateação, asneira. “- *E não se enche o quengo com **estopadas**, acrescentei*”.(SB, p. 92).

FALAR COM O CORAÇÃO NAS MÃOS = Falar com aflição, muito angustiado, estar em suspense, na expectativa de algo desagradável.

“Enfim, para não estarmos com prólogos, arreiio a trouxa, e **falo com o coração na mão.**” (SB, p.88).

FALAR COM POUCO ENSINO = Modo de pedir vênia, licença, permissão. “De bicho na capação (**falando com pouco ensino**), esperneeii nas unhas do Pereira, [...]” (SB, p. 13)

FAREJAR = Perscrutar, sondar, pressentir. “Casimiro Lopes, que vigiava a casa, [...] ficou **farejando.**” (SB, p. 50).

FARO = Ter intuição, ter inclinação para desenvolver uma atividade determinada. “Conheço indivíduos preguiçosos que tem **faro:**” (SB, p.40).

FAZER ÁGUA NA BOCA = Vivo desejo, cobiça, inveja. “Dê um salto a S. Bernardo, para eu lhe mostrar o que é uma lavoura de **fazer água na boca.**” (SB, p.77).

FAZER DAS FRAQUEZAS FORÇAS. = Cobrar o ânimo, tentar fazer algo ousado. “[...] a safra foi ruim, os preços baixos, vivi meses aperreado, vendendo macacos e **fazendo das fraquezas forças** para não ir ao fundo.” (SB, p. 29).

FAZER MAL = Deflorar, violar a virgindade. “[...] *um moleque de S. Bernardo **fizera mal** à filha do mestre de açúcar de Mendonça [...]*” (SB, p.32).

FEIJÃO BICHADO = Sem valor, imprestável. “-*Minha sobrinha não é **feijão bichado** para andar se oferecendo*”. (SB, p. 87).

FÊMEAS RATUÍNAS = Meretrizes ordinárias, reles. “[...] *ele sapecou depressa na orelha da sota e em folias de bacalhau e aguardente, com **fêmeas ratuínas**, no Pão-sem-Miolo.*” (SB, p.16).

FICAR COM A VENTA INCHADA = Ficar amuado, ficar com amuo, com mau humor. “*Madalena respondeu-me com quatro pedra na mão e **ficamos de venta inchada uma semana***”. (SB, p.119).

FICAR DE ORELHA EM PÉ = Está desconfiado, alerta, prevenido. “*Padre Silvestre passou por S. Bernardo – eu **fiquei de orelha em pé**, desconfiado.*” (SB, p.150).

FICAR DE SACO NAS COSTAS = Passar necessidade, privação. “[...] *se eu mandar o Nogueira tocar fogo na binga, você **fica de saco nas costas.***” (SB, p.24).

FICAR PALITANDO OS DENTES = Demonstrar despreocupação, assumindo atitude de descaso. “[...] e na hora da onça beber água, deu-me com o cotovelo, **ficou palitando** os dentes [...]” (SB, p.14).

FICAR SEM MEL NEM CABAÇO = Perder uma coisa e outra. “Efetivamente a senhora se arriscava a **ficar sem mel nem cabaço**”. (SB, p.88).

FILHO DE UMA ÉGUA = O mesmo que filho de uma puta, mau caráter, sacana, safado. “-Então seu **filho de uma égua**, esses artigos...” (SB, p. 73).

FOGO MORTO = Engenho desativado, que deixou de moer. “*Quem devia estar vivo era o velho Mendonça, que deixava a propriedade coberta de capoeira e o engenho de **fogo morto***”. (SB, p.179).

FÔLEGO DE SETE GATOS = .Ser dotado de extraordinária resistência. Ter força bastante para resistir a grandes trabalhos físicos ou morais. “*Sempre diz isso, resmungou Padilha. O senhor **tem fôlego de sete gatos***.” (SB, p. 99)”.

FOME CANINA = Bulimia, fome de boi, fome devoradora, aumento exagerado do apetite, esfomeado. “*Esses bacharéis tem fome canina, [...]*” (SB, p.24).

FREIO = Moderação, contenção. “A religião é um *freio*”. (SB, 13).

FRIOS = Inexpressivos, insensíveis, impassíveis, indiferentes. “[...] *com voz rápida, com sorrisos frios.*” (SB, p.27).

FURDUNÇO ou FURDÚNCIO = Festa popular, barulho, desordem. “*Numa sentinela, que acabou num furdunço, [...]*”. (SB, p.13).

GALINHA (JUÍZO DE GALINHA) = Pessoa sem juízo, desmiolada, insensata. “*-Juízo de galinha. Embarcando em canoa furada! Tontos.*” (SB, p.61).

GALINHA (ATITUDE DE GALINHA ASSADA) = Personagem cuja postura era parecida com uma galinha assada. “[...] *sentou-se num tamborete e, sério, em atitude de galinha assada:*” (SB, p. 145).

GALINHA= = Prostituta. Mulher volúvel e de fácil conquista. “*-Deixa ver a carta, galinha*”. (SB, p.139).

GATO E CACHORRO = Qualquer pessoa, todas as pessoas, todo mundo. “*Não havia **gato nem cachorro** em S. Bernardo que ignorasse o procedimento dela.*” (SB, p.150).

GATOS (FÔLEGO DE SETE GATOS) = Ser dotado de extraordinária resistência. “*Sempre diz isso, resmungou Padilha. O senhor tem **fôlego de sete gatos.***” (SB, p. 99).

GORAR = Fracassou, não deu resultado esperado, deu em nada. “*A idéia **gorou**, o que já declarei*”. (SB, p.180).

GRAÇA = Como é seu nome? “*E como é a **graça** da sua sobrinha, D. Glória?*” (SB, p.75).

HISTÓRIA FIADA = Conversa fiada, conversa mole, papo furado, propósito ou proposta de pessoa que não tem, na realidade, intenção de cumprir o que diz. “*Você vê que me refiro às **histórias fiadas** do Grêmio*”.(SB, p.92).

HOMEM DE FACÃO GRANDE = Diz-se da pessoa mais prestigiosa, aplica-se, em geral, aos chefes políticos da localidade. “*O safado do*

velhaco, turuna, homem de facção grande no município dele [...]” (SB, p.14).

HORA DA ONÇA BEBER ÁGUA = Hora de perigo; hora difícil. “*O dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora da onça beber água deu-me com o cotovelo, ficou palitando os dentes.*” (SB, p.14).

INCAPAZ DE MATAR UM PINTO = Incapaz de fazer qualquer mal, completamente inofensivo. “*Seu Paulo tem bom coração e é incapaz de matar um pinto*”. (SB, p.147).

INSETOS = Pessoas insignificantes, desprezível. “*Sebo! Uns insetos. Não valia a pena prestar atenção a semelhantes insignificâncias. Gente besta.*” (SB, p.123).

INTELIGÊNCIA DE PERU NOVO = Curto de inteligência, bronco, imbecil, tolo, ignorante. “[...] *emprenha pelos ouvidos, inteligência de peru novo, besta como aruá*”. (SB, p.54).

JUÍZO DE GALINHA = Desajuizado, desmiolado, insensato. “*-Juízo de galinha. Embarcando em canoa furada! Tontos*”. (SB, p.61).

JUMENTO = Indivíduo bronco, curto de inteligência. “*Todo mundo gabava a prudência dele. Hoje o Padilha taxa-o de **jumento**.*” (SB, p.53).

LARGAR = Sair. “***Largar-se pelo mundo, à toa, [...]***” (SB, p.168).

LENGALENGA = Conversa, narração, discussão monótona, fastidiosa, enfadonha arenga, ladainha, lenda. “*-Sem dúvida, respondi a uma **lengalenga** que padre Silvestre me infligia*”. (SB, p.131).

LEVADA = Corrente de água que se desvia de um rio para regar, ou, para mover algum engenho. “*Mas saiu dali, numa **levada**, a água que foi movimentar as máquinas do descaroçador e da serraria*”. (SB, p.43).

LEVAR ÁGUA NA FERVURA = Acalmar, moderar, arrefecer o entusiasmo, ou o ânimo. “*Mas o otimismo levou **água na fervura**, compreendi que não nos entendíamos.*” (SB, p.07).

LEVAR MÚSCULOS E NERVOS = Levar todas as energias, deixar nervoso, estressado, irritado. “*[...] esperneeii nas unhas do Pereira que me **levou músculo e nervos**, aquele malvado.*” (SB, p.14).

LEVAR TABOCA = Sofrer um desengano. “*Pereira votou no padre e levou taboca*”. (SB, p. 55).

LOBISOMEM = Homem que se transforma em lobo, segundo a credence popular, fantasma. “*Julgo que delirei e sonhei com atoleiros, rios cheios e uma figura de lobisOMEM*”. (SB, p.188). **lobisOMEM**. [Alter. do lat. *lupus homo*, 'homem lobo'.] S. m. Folcl. 1. Homem que, segundo a credence vulgar, se transforma em lobo e vagueia nas noites de sexta-feira pelas estradas, assustando as pessoas, até encontrar quem, ferindo-o, o desencante.

LOROTAS = Mentiras, conversas fiadas, piadas. “*Lorotas. Todos esses malucos dormem demais, falam à toa*”. (SB, p.61).

LOUVADO SEJA NOSSO SENHOR JESUS CRISTO = Saudação de um católico ao entrar numa casa, numa reunião de pessoas. A resposta a essa saudação era: Para sempre seja louvado. “- *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, seu major*”. (SB, p.35).

MACACO (CADA MACACO NO SEU GALHO) = Cada um deve ater-se à sua condição, ou função. “*Mas é tolice querer uma pessoa ter*

opinião sobre um assunto que desconhece. Cada macaco no seu galho.” (SB, p. 100).

MACACOA = Doença leve, insignificante, sem gravidade. “*Passamos uns meses descansando, você cura a macacoa do estômago, engorda, e se distrai*”. (SB, p.162).

MACACOS (VENDER MACACOS) = Levar a vida sacrificadamente, com muito aperto, com dificuldade financeira muito grande. “[...] *vivi meses apertado, vendendo macacos [...]*” (SB, p.29).

MANDRIÃO = Preguiçoso, indolente, vadio. “*Não obstante ele ter morrido, acho bom que vá trabalhar. Mandrião!*”. (SB, p.103).

MANHA ENCOBERTA = Defeito oculto, dissimulado, disfarçado, ou mau hábito difícil de perder. “*Madalena tinha manha encoberta, indubitavelmente*”. (SB, p.149).

MARÉ VAZANTE = Escoamento, vazão, saída. “*Maré vazante. Agora ganham os preguiçosos*”. (SB, p.179).

MARMOTA= Alma do outro mundo, aparição, mal-assombro, suposto aparecimento de defunto ou alma penada, fantasma. “- *Quem está aí? É bicho de fôlego ou é **marmota**?*” (SB, p.151).

MAROMBAR = Usar de dissimulação, hesitar. “*Tenho **marombado** espiado maré, porque o chefe era ele*”. (SB, p.55).

MATAR TEMPO = Enrolar, embromar, gastar tempo, fazer cera. “*Quanto às teorias, aquilo era só para **matar tempo** e empulhar o Casimiro*”. (SB, p.60).

MEIA MISSA = Coisa minguada, fragmentária. “*Não dá **meia missa**. Encruou nos romances e até os assentamentos de batizados lhe seriam difíceis*”. (SB, p.171).

MEIO DE VIDA = Maneira de viver, modo de ser. “*Cada qual tem o seu **meio de vida***”. (SB, p. 77).

MELINDRAR-SE = Ofender-se, magoar-se. “***Melindrou-se***”.

MESTRE DE AÇÚCAR = Aquele que, nos engenhos, dá o ponto ao açúcar. “[...] *um moleque de S. Bernardo fizera mal à filha do mestre de açúcar de Mendonça [...]*” (SB, p.32,).

METER A MÃO EM CAMBUCO = Ser experiente, sagaz. “-*Eu meto a mão em cambuco? Sou lá capaz de propagar idéias subversivas?*”. (SB, p.60).

METER NO BOLSO = Enganar, burlar, lograr. “*Ótimo! Arranjava-se com os tabeliães e metia-me no bolso.*” (SB, p.27).

METER O BEDELHO = Intrometer-se importunamente em (conversa ou assunto) que não lhe diz respeito. “*Padilha meteu o bedelho na conversa:*” (SB, p.126).

METER O RABO NA RATOEIRA = Chegar o rabo à ratoeira, entregar os pontos. “*No outro dia, cedo, ele meteu o rabo na ratoeira e assinou a escritura.*” (SB, p.26).

MIJAR (pleb.) = Urinar. “*Ela ficou se mijando de gosto.*” (SB, p.13).

MIJAR FORA DO CACO = Faltar ao cumprimento dos deveres. Não andar na linha. “*Das cancelas para dentro ninguém **mija fora do caco.***” (SB, p.60).

MODO DE MATAR PULGAS = Maneira de pensar, de agir. “*Mas enfim cada qual tem lá o seu **modo de matar pulgas.***” (SB, p.117).

MOFINA = Artigo anônimo, difamatório. “*A princípio foram **mofinas** cheias de rodeios, com muito vinagre [...]*” (SB, p. 71).

MOLECOREBA = Grupo de moleques, molecagem. “*A **molecoreba** do mestre Caetano arrastava-se por aí, lambuzada, faminta.*” (SB, p.187).

MOLECOREBA = Molecada, grupo de moleques, de meninos, de negrinhos. “*Pelos menos o Gondim e o padre Silvestre estiveram lá examinado a **molecoreba** e acharam tudo em ordem.*” (SB, p.77).

MORDER = Pedir dinheiro emprestado, com intenção de não pagar. “*[...] elogiando-me e elogiando chefe político local. Em consequência **mordeu-me cem mil-réis.***” (SB, p.43).

MORTO–A–FOME = Fona, pão-duro, pica - fumo, somítico. “[...] e dizer que eu botei a senhora de casa para fora, que eu sou **morto a fome**, que arribou daqui com a roupa do corpo, não é?” (SB, p.168).

MOSCA-MORTA = Pessoa indolente, sem ânimo, sem vida. “- Se aquela **mosca-morta** prestasse e tivesse juízo, estaria aqui aproveitando esta catervagem de belezas.” (SB, p. 155).

MOSTRAR COM QUANTOS PAUS SE FAZ UMA CANOA = Dar uma lição, dar um corretivo. “Agora eu lhe mostro com quantos paus se faz uma canoa.” (SB, p.14).

MUNGANGA ou MOGANGA = Careta, trejeitos, momices “[...] quando me encontrassem com os dentes de fora, fazendo **munganga** ao sol, [...]”. (SB, p.15).

NA TÁBUA DA VENTA = Cara a cara, na presença, nas bochechas. “Antes dela , a única pessoa que, na **tábua da venta**, me tachou de assassino foi Costa Brito, pela seção livre da Gazeta.” (SB, p. 140).

NÃO ANDAR COM A CARA PARA TRÁS = Ter alcance, olhar para o futuro. “*Tinha meios. Perfeitamente, não andava com a cara para trás*”. (SB, p.25).

NÃO BEBER ÁGUA NA RIBEIRA DO NAVIO = Experiente, ativo, esperto, sagaz. “*Casimiro Lopes, que não bebia água na ribeira do Navio, acompanhou-me.*” (SB, p.15).

NÃO BOTAR PAPA NA LÍNGUA ou NÃO TER PAPA NA LÍNGUA = Não fazer calar, falar com franqueza, sem reservas, sem olhar as conveniências, condescendências nem contemplações. “*Eu estou pegando cinquenta anos e tenho corrido o mundo. Você não me bota papa na língua não*”. (SB, p.146).

NÃO DEITAR ÁGUA A PINTO = Ser astuto, esperto, matreiro. “[...] *mas no gênero mulher é uma rede, não deita água a pinto*”. (SB, p.134).

NÃO TER PÉ NEM CABEÇA ou SEM PÉS NEM CABEÇA = Despropositado, disparatado, desarrazoado. “*Às vezes o bom senso me puxava as orelhas:-Baixa o fogo, sendeiro. Isso não tem pé nem cabeça.*” (SB, p.150).

NÃO VALER O QUE UM PERIQUITO RÓI = Coisas reles, sem valor, ordinário. “-Bobagem! S. Bernardo *não vale o que um periquito rói.*” (SB p.19).

NASCER NA POEIRA = Pobre, sem berço. “*Mas se eu tivesse nascido na poeira, porque havia de negar?*”. (SB, p.30, linha 04).

NEM PEIXE NEM CARNE = Não ter opinião pró nem contra. Não ter ou não tomar partido; não se definir. “*A nós que votávamos com o partido dominante, mas não éramos peixe nem carne – queixume, nariz torcido, modos de enjôo*”. (SB, p. 62, linha 17).

NEM SE AGUENTAR NAS PERNAS = Cambaleiar, oscilar para os lados. “*Preciso falar com ele, mas esse desgraçado nem se agüenta nas pernas*”. (SB, p.44).

NO MUNDO DA LUA = Alheio à realidade; muito distraído. “*Padre Silvestre é desorientado. Com a freguesia trabalhosa, anda no mundo da lua*”. (SB, p. 126).

O MINGAU VIROU ÁGUA = Fracassou, não alcançou o resultado desejado, não deu em nada. “ – *É o diabo, gondim. O mingau virou água. Três tentativas, falhadas num mês!*” (SB, p.09).

OLHAR OS QUATRO CANTOS = Procurar em todo canto, ou, por todo canto, e por todos os meios, uma solução para sair de um impasse, de uma situação embaraçosa. “[...] *mas para o sujeito que vai começar, olha os quatro cantos e não tem em que se pegue, as dificuldades são terríveis.*” (SB, p.11).

OLHOS DE CÃO = Suplicante, humilde, compassivo. “[...] e, preparando o cigarro de palha, deitava os **olhos de cão** ao prado, ao açude, à igreja, às plantações”. (SB, p. 123).

ONÇA (NA HORA DA ONÇA BEBER ÁGUA) = Hora de perigo, hora difícil. “*O Dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora da onça beber água deu-me com o cotovelo, ficou palitando os dentes.*” (SB, p.14).

ORELHA DA SOTA = Jogo de cartas “*Emprestei-lhe dois contos de réis, que ele sapecou depressa na orelha da sota [...]*” (SB, p.16).

OSSO = Competente, experto. “*Está aqui um artigo baita sobre a apicultura. O autor disto é osso*”. (SB, p. 74).

PANCADÃO = Cisão, mulher corpulenta de formas tentadoras, bonitas. “*D. Marcela era **um pancadão**. Cada olho!*” (SB, p.62).

PANOS MORNOS = Sutilezas, de leve. “*Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes, a princípio com **panos mornos**, depois delineando um projeto.*” (SB, p.33).

PANQUECA = Ociosidade, preguiça, vadiação. “*Sim senhor, uma **panqueca**. Visitas remédio de farmácia, galinhas*”. (SB, p.121).

PAPAGAIO COME MILHO, PERIQUITO LEVA A FAMA = O pobre ou o tolo é sempre quem paga o pato. Os pequenos pagam as falhas dos grandes. “*Está aí. **Papagaio come milho, periquito leva a fama. O periquito é eu***”. (SB, p. 147).

PAPAGUEAR= Falar sem nexos como papagaio. “*Levava-o para o alpendre e lá se punha a papaguear com ele, [...]*” (SB, p.136).

PARAFUSO FROUXO = Meio desequilibrado mentalmente, ser aluado. “-*Esses homens do governo têm um **parafuso frouxo***”. (SB, p.44).

PASSAR AS UNHAS NOS BABADOS = Acabar com os restos, com as sobras. Expressão não dicionarizada. “[...] *as casa são taperas, o Mendonça vai **passando as unhas nos babados**...*” (SB, p.24).

PAU = Maçante, desagradável. “-*Já acabaram aquela discussão **pau**?*” (SB, p. 93).

PAU DA ARARA = Sem dinheiro, desprovido de recurso financeiro. Veículo usado no transporte de retirantes nordestinos para o Sul. Retirante que viaja num desses veículos. “*Não acreditou, disse que estava no **pau da arara**.*” (SB, p.18).

PAU-FURADO = Ser convocado para o exército, pegar na espingarda, ou em qualquer arma de fogo. “*Gente que devia pegar no **pau-furado** escondeu-se*”. (SB, p.175).

PÉ-DE-RABO = Nádegas. “*Uma peitaria, um **pé-de-rabo**, um toitiço!*” (SB, p.68).

PEGAR NO PESADO = Trabalhar. “*A senhora é capaz de **pegar no pesado?***” (SB, p.171).

PEITARIA = Seios volumosos. “*Uma **peitaria**, um pé-de-rabo, um toitiço!*” (SB, p.68).

PEIXE (NEM CARNE NEM PEIXE) = Não ter opinião nem pró, nem contra. Não ter, ou não tomar partido; não se definir. “*A nós que votávamos com o partido dominante, mas não éramos **peixe nem carne** – queixume, nariz torcido, modos de enjôo.*” (SB, p. 62).

PEIXE FORA DA ÁGUA = Desambientado. “*Nasci na cidade, criei-me na cidade. Saindo daí, sou como **peixe fora da água***”. (SB, p. 75).

PEJADA = Prenhe, grávida. “[...] *acabava confessando que estava **pejada***”. (SB, p.36).

PELAS NUVENS = Altíssimo. “[...], *mas na hora dos cálculos vi que ia gastar uma fortuna: dólar estava **pelas nuvens***”. (SB, p.178).

PENCA = Em excesso, muito. “*Chorei as minhas desgraças: tinha obrigações em **penca** aquilo não era trato, e tal enfim, etc.* (SB, p.14).

PERCEVEJO = Um determinado personagem cujos atributos assemelham-se ao percevejo. “*Coitado! Tão miúdo, tão chato, parecia um **percevejo**.*” (SB, p.50).

PERDER A CABEÇA = Deixar arrebatado até a prática de ato impensado, não saber controlar-se. “**Perdi a cabeça:** -*Vá amolar a puta que a pariu. Está mouca, aí com sua carinha de santa?*” (SB, p. 13).

PERDER OS ESTRIBOS OU PERDER AS ESTRIBEIRAS = Praticar despropósitos, desnortear-se, descomedir-se. “- *Mas é uma crueldade. Para que fez aquilo?*”.-**Perdi os estribos** “. (SB, p. 110).

PERIQUITO (NÃO VALE O QUE UM PERIQUITO RÓI) = Coisa muito ordinária, reles, sem valor. “-*Bobagem! S. Bernardo não vale o que um **periquito rói**.*” (SB, p.19).

PEROBA = Cabo de enxada. “[...] *não me tornaram melhor que o que eu era quando arrastava a **peroba**.*” (SB, p. 182).

PERU = Semelhança no que tange à maneira de a personagem fixar-se a uma idéia, comparando-o ao peru que, algumas vezes, anda

circulando. “Azevedo Gondim, aferrando-se a uma idéia, gira em redor dela, **como peru:**” (SB, p.91).

PERU NOVO = Pessoa dotada de pouca inteligência. “[...] *emprenha pelos ouvidos, inteligência de peru novo, besta como aruá.*” (SB, p.54).

PERUA= Meretriz. Mulher de vida irregular. “-*Mostra a carta, perua*”. (SB, p.139).

PESCOÇO = Muito necessitado, muito endividado. “*Não tenciono ver um camarada com a corda no pescoço.*” (SB, p.24).

PICUÁS =Cestos, balaios, samburás, patuás, sacos de lona ou algodão para levar roupa ou alimento. “*Prepare-se, arranje os seus picuás*”. (SB, p.168).

PIFÃO = Embriaguez, bebedeira. “*Apareceu-me no dia seguinte, ainda com vestígios de pifão:*” (SB, p.17).

PINDAÍBA = Estar sem dinheiro, a nenhum, a zero, duro, estar liso. “*Firmei-me nos quarenta. Em seguida roí a corda: - Muito por baixo. Pindaíba!*” (SB, p.25).

PINTAR O BODE = Pintar o sete, pintar o caneco, pintar o diabo, fazer diabruras, praticar travessuras, desatinos, pandegar. “*Na opinião do Silveira, as normalistas pintam o bode [...]*” (SB, p.133).

PINTO (INCAPAZ DE MATAR UM PINTO) = Inofensivo. Incapaz de fazer mal a qualquer vivente, a qualquer ser. “*Seu Paulo tem bom coração e é incapaz de matar um pinto.*” (SB, p.147).

PINTO (NÃO DEITAR ÁGUA A PINTO) = Ser astuto, esperto, matreiro. “[...] *mas no gênero mulher é uma rede, não deita água a pinto.*” (SB, p.134).

PISAR NA CASCA DE BANANA = Cair, escorregar, perder. “*Se o Pereira tinha pisado na casca de banana, pior para ele: caía, vinha outro, e arranjava-se nova chapa.*” (SB, p.53).

PISAR NOS CALOS = Irritar, magoar muito, incomodar. “Se quisesse ficar, podia viver ali até criar canhão, que ninguém lhe **pisava nos calos**”. (SB, p. 168).

POBRE COMO JOB = Paupérrimo. “*A verdade é que sou **pobre como Job**, entende?*” (SB, p.90).

POMBOS COMO OS DIABOS = Quantidade em demasia. “*Andavam ali àquela hora **pombos como os diabos**, [...]*” (SB, p. 122).

POPA DA BUNDA = Nádegas “[...] *arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda.*” (SB, p.13).

POR FALTA DE UM GRITO SE PERDE UMA BOIADA = Por falta de uma pequena precaução, ocorre um prejuízo grande. “*Muitas vezes por falta de um grito se perde uma boiada*”. (SB, p.161).

PÔR OS PÉS = Estar presente, comparecer. “- Não *torno a **pôr os pés** aqui. Primeiro porque não quero prejudicá-la, segundo porque é ridículo.*” (SB, p. 93).

PORCO = Irracional. “**Comer e dormir como um porco!** *Como um porco! Levantar-se cedo todas as manhãs e sair correndo, procurando comida!*” (SB, p.181).

PULGA (ANDAR COM A PULGA ATRÁS DA ORELHA) = Desconfiado. “*Mas para quem, como eu, **andava com a pulga atrás da orelha.** Aborrecia.*” (SB, p 120).

PULGA (SALTO DE PULGA) = Mudança de um lugar para outro, mudança de idéia, de posição. “*Mas se me constar que vocês andam com **saltos de pulga,** [...]*” (SB, p.61).

PULGAS (CATAR PULGAS) = Examinar a consciência, refletir. “*Padilha **catava pulgas:** -Pois diga. A minha consciência não me acusa. Diga. Quando a gente sabe, diz.*” (SB, p.146).

PULGAS (MODO DE MATAR PULGAS) = Maneira de pensar, de agir. “*Mas enfim cada qual tem lá o seu **modo de matar pulgas.***” (SB, p.117).

PULHICE = Patifaria, de patife, desavergonhado. “*Aqui só se cogita de safadeza e **pulhice.***” (SB, p.18).

PUXAR AS ORELHAS = Repreender, advertir. “*Às vezes o bom senso me puxava as orelhas:- Baixa o fogo, sendeiro. Isso não tem pé nem cabeça.*” (SB, p.150).

QUATRO CANTOS = Por todos os lados, por todos os cantos. “*E pelas quatro janelinhas abertas aos quatro cantos do céu [...]*” (SB, p. 154).

QUEBRAR A CABEÇA = Raciocinar, pensar demoradamente na solução de um caso. “*A senhora aprendeu várias embrulhadas na escola, eu aprendi outras quebrando a cabeça por este mundo*”.(SB, p.89).

QUEIMAR AS ALPERCATAS ou PERDER AS ALPERCATAS = Ficar transtornado, apavorado, enfurecido, perder a linha, perder a paciência. “*Obrigada. Vou a pé*”. “*Aí eu queimei as alpercatas:- Vai nada!*” (SB, p.168).

QUEM DÁ O QUE TEM PEDIR VEM = Não ar algo de que possa necessitar depois, é uma expressão de grande uso na região nordestina. “*Guarda os seus troços, que podem servir. Em cama não me deito. E quem dá o que tem pedir vem*”. (SB, p.58).

QUEM PARIU MATEU QUE O BALANCE ou QUEM PARIU MATEU QUE O EMBALE = Cada um agüente as conseqüências dos seus atos. “*Tinha graça viver aqui suando para sustentar um literato. Eu era pai dele?*” “*-Quem pariu mateu que o balance.*” (SB, p. 63).

QUENGO = CABEÇA “- *E não se enche o **quengo** com estopadas, acrescentei.*” (SB, p.92).

QUENGO = Pensamento. “*Luís Padilha tinha recebido o recado e desde a véspera remexia o **quengo**, curioso*”. (SB, p.48).

RABO- DE –SAIA = Mulher ou coisa relacionada a ela. “*Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma idéia que me veio sem que nenhum **rabo -de- saia** a provocasse*”. (SB, p.59).

RATO (FOCINHO DE RATO) = Rosto, face semelhante ao focinho do rato. “*Afinal surgiu o **focinho de rato** do Brito*” (SB, p. 72).

RATO = Perito em velhacaria, tratantice, dotado de muita habilidade, esperteza, sagacidade, matreirice. “*O doutor, que **ensinou rato a furar almotília**, sacudiu-me a justiça e a religião.*” (SB, p.14).

RATOEIRA (METER O RABO NA RATOEIRA) = Entregar os pontos, render-se. “No outro dia, cedo, ele **meteu o rabo na ratoeira** e assinou a escritura.” (SB, p.26).

RATOEIRA (SOCIEDADE RATOEIRA) = Empresa para iludir os incautos, armadilha. “[...] vendeu bilhetes de loterias, tornou-se bicheiro e agentes de **sociedades ratoeiras**.” (SB, p.38).

RATUÍNAS (FÊMEAS RATUÍNAS) = Prostitutas ordinárias, reles. “[...] ele sapecou depressa na orelha da sota e em folhas de bacalhau e aguardente, com **fêmeas ratuínas**, no Pão-sem-Miolo.” (SB, p.16).

REIMOSO = Cheio de defeitos, implicante, encrenqueiro. “E abrandei, meio arrependido, porque não me convinha uma briga com o Mendonça, homem **reimoso**.” (SB, p. 27).

RÊS CASTEADA = Raceada, híbrida. “[...] cobriram-no de esparadrapos: direitinho uma **rês casteada**.” (SB, p.136).

RESPONDER COM QUATRO PEDRAS NA MÃO = Responder com altivez, insolência, mostrando modos imperiosos, exigindo com

violência. “Madalena **respondeu-me com quatro pedras na mão** e ficamos de venta inchada uma semana.” (SB, p, 119).

RETOMAR O ESTRIBO = Esquivar, desviar, faltar com o compromisso. “*Recuou, tentou retomar o **estribo**, mas o carro já ia longe [...]*” (SB, p.72).

ROER A CORDA = Faltar com o compromisso, quebrar a palavra. “*Firmei-me nos quarenta. Em seguida **roí a corda:***” (SB, p.25).

ROSNAR = Dizer por entre dentes em voz baixa; murmurar, resmungar. “*Selvagens! **rosnavam** agüentando as batotas no bacará.*” (SB, p.18).

ROSNAR = Murmurar, resmungar. “*Selvagens! **rosnavam** agüentando as batotas no bacará.*” (SB, p.18).

ROSNAR “*Como o Gondim se aproximasse, **rosnei:***” (SB, p. 90, linha 30)

ROSNAR= Dizer entre os dentes, em voz baixa, resmungar. “***Rosnei** um monossílabo*”. (SB, p.160, linha 34).

ROSNAR= Dizer por entre dentes em voz baixa; murmurar, resmungar.
“*Padilha, meio desconcertado, rosnou, agarrando ao osso:*” (SB, p.49).

ROSNAR= Dizer por entre dentes em voz baixa; murmurar, resmungar.
“**Rosnei** *um monossílabo.*” (SB, p.160, linha 34).

ROSNAR = Gritar. “*Como o Gondim se aproximasse, **rosnei:***” (SB, p. 90).

SABER ONDE TEM AS VENTAS ou SABER ONDE TEM O NARIZ
= Ser perito, competente, capaz. “*A Senhora, pelo que mostra e pelas informações que peguei, é sisuda*”, econômica, **sabe onde tem as ventas e pode dar uma boa mãe de família.**”(SB, p.89)”.
SABER ONDE TEM AS VENTAS ou SABER ONDE TEM O NARIZ

= Ser perito, competente, capaz. “*A Senhora, pelo que mostra e pelas informações que peguei, é sisuda, econômica, sabe onde tem as ventas e pode dar uma boa mãe de família.*” (SB, p.89).

SALTO DE PULGA = Mudança de um lugar para outro, mudança de posição, de idéia. “*Mas se me constar que vocês andam com saltos de pulga, [...] (SB, p.61)*”.

SANGRAR = Aceder a pedido de dinheiro emprestado. “*Depois aludi à crise e dei a entender que não continuava a sangrar*”. (SB, p. 62).

SARARÁ= Cor alourada ou arruivada do cabelo muito crespo característico de certos mulatos.

SEBO = Interjeição de desagrado, irritação, raiva. “[...] *um arranca diabo estúpido, com desaforo grosso, com Maria das Dores ouvindo, seu Ribeiro ouvindo. Sebo*”. (SB, p.144).

SECA = Conversa longa, importuna, rude. “*A nossa conversa era seca, [...] (SB, p.27)*”.

SEJA BEM APARECIDO = Palavras com que se festeja a chegada de alguém que levou muito tempo sem aparecer. “*Ora, sejam bem aparecidos*”. (SB, p.125).

SELVAGEM = Sem civilização, primitivo; bárbaro. “*Não compreende nada, exprime-se mal e é crédulo como um selvagem*.” (SB, p.136).

SEM O PÃO DO SABER = Conhecimento. “[...] *a escola funcionava normalmente e fazia cortar coração deixar tantas crianças **sem o pão do saber***”. (SB, p.60).

SENDEIRO = Cavalo velho, quase imprestável. “Às vezes o bom senso me puxava as orelhas”:- Baixa o fogo **sendeiro**. “Isso não tem pé nem cabeça.” (SB, p.150).

SENDEIRO = Indivíduo desprezível. “Às vezes o bom senso me puxava as orelhas:-Baixa o fogo **sendeiro**. Isso não tem pé nem cabeça.” (SB, p.150).

SER PAU PARA TODA OBRA = Prestar-se a tudo. “*Pobre do Casimiro Lopes. Ia-me esquecendo dele. Calado, fiel, **pau para toda obra**, era a única pessoa que me compreendia*”. (SB, p. 123).

SER UNHA E CARNE COM ALGUÉM = Muito chegado, íntimo, inseparável. “*O Gondim e ela tinham sido **unha com carne***”. (SB, p. 135).

SOCIEDADE RATOeira = Empresas para iludir os incautos, armadilha. “[...] tornou-se bicheiro e agente de *sociedades ratoeiras*”. (SB, p.38).

SUJEITINHA = Mulher indeterminada cujo nome se omite. “[...] *uma sujeitinha* começava a chorar [...]” (SB, p.36).

SUMIDA = Fraca, que mal se ouve. “*Passadas mansinhas, olhos baixo, voz sumida* [...]” (SB, p.150).

SUPIMPA = Excelente, ótimo, de causar admiração. “*Se chegarmos a acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu*”. (SB, p. 90).

TAPERa = casa abandonada e em ruínas. “[...] *as casa são taperas, o Mendonça vai passando as unhas nos babados...*” (SB, p.24).

TER BARRIGA DE EMA = Não cumprir o prometido. “*Mas o Brito tem barriga de ema: desprezou o aviso e mandou-me diversas cartas, [...]*” (SB, p. 63).

TER BOM CORAÇÃO = Ser generoso, bondoso. “*Seu Paulo tem bom coração e é incapaz de matar um pinto.*” (SB, p.147).

TER O CORAÇÃO AOS BAQUES = Em suspense, em expectativa de algo negativo. “*Eu tinha o coração aos baques e avaliava as conseqüências daquela falsidade toda.*” (SB, p.27).

TER ROUPA NA MOCHILA = Ter coragem, habilidade, competência para enfrentar algo. “*-Vamos ver quem tem roupa na mochila.*” (SB, p.14, linha 27).

TIRAR A PALAVRA DA BOCA = Expressar aquilo que alguém, presente, pretende dizer na oportunidade. “*-Estava aqui pensando na escola, murmurou Padilha. - E eu. Tirou-me a palavra da boca, atalhou João Nogueira.*” (SB, p.49).

TIRAR O CAVALO DA CHUVA = Desistir de um propósito, de um intento. “*-Tire o cavalo da chuva, rapaz Eu ouvi*”. (SB, p.146).

TOITIÇO = Pescoço, nuca. “*Uma peitaria, um pé-de-rabo, um toitiço!*” (SB, p.68).

TORCER O PESCOÇO = Matar. “*Tive desejo de torcer o pescoço do Gondim, [...]*” (SB, p. 90).

TORRAR NOS COBRES = Vender por preço baixo. “*Em seis meses havia tão grande quebradeira que **torrei nos cobres** o automóvel [...]*” (SB, p.179).

TOUPEIRA = Pessoas estúpidas, muito curtas de inteligência. “[...] *e no bilhar do Sousa, quando a carambola falha, insultar os políticos, umas **toupeiras***”. (SB, p.177).

TOUPEIRAS = Estúpidas, imbecis. “[...] *e no bilhar do Sousa, quando a carambola falha, insultar os políticos, umas **toupeiras***.” (SB, p.177).

TRABALHADOR ALUGADO = Forma de serviço grosseiro, sem contrato de trabalho, e sem garantias legais. “*Como já lhe disse, fui guia de cego, vendedor de doce, e **trabalhador alugado***”. (SB, p.182).

TRABALHADOR ALUGADO = Pessoa que trabalha alugado, percebendo o soldo por tarefa ou dias esporádicos de trabalho. “***Trabalhador alugado**, hem? Não se incomode. O Fidelis, que hoje é senhor de engenho, e conceituado, furtou galinhas.*” (SB, p.30)

TRABALHADOR ALUGADO = Que se tomou por aluguel. “*Fui trabalhador alugado e sei que de ordinário a gente miúda emprega as horas de folga depreciando os que são mais graúdos*”. (SB, p. 111).

TRABALHAR NÃO É DESONRA = Dignidade, nobreza. “*Há uns pestes por aí que principiaram como o senhor e arrotam importância. Trabalhar não é desonra.*” (SB, p.30).

TRÁS ZÁS, NÓ CEGO = De repente, imediatamente, num instante. “*Detesto picuinhas. Comigo é trás e zás, nó cego*”. (SB, p. 114).

TRASTE = Móvel ou utensílio velho de escasso ou nenhum valor. “*Lembrei-me do tacho velho, [...] Agora, decrépita, não podia ser doceira, e aquele traste se tornava inteiramente desnecessário*”. (SB, p.58).

TREPAR = Copular, ter relações sexuais, ter coito, acasalamento. “[...] por, outro lado me livra da maçada de suportar parentes pobres, indivíduos que de ordinário escorregam com uma sem-vergonheza da peste na intimidade dos que vão **trepando**.” (SB, p.12).

TROÇAR = Zombar, escarnecer, ridicularizar. “*Deixe de chove não molha, repliquei troçando com ele*”. (SB, p.146).

TROÇOS = Coisas imprestáveis, insignificante, traste velho, tralha, qualquer objeto cujo nome não importa. “-*Dê-me ao menos alguns dias para arrumar os troços e cavar um osso*”. (SB, p. 145).

TROÇOS = Coisas, objetos. “*Guarde seus troços, que podem servir*”. (SB, p.58).

TUBARÃO = Nome do cachorro. Para o cachorro não ficar hidrófobo, o mesmo deve ter um nome de peixe. Cf. (Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*). “*Às vezes, Tubarão ladrava lá fora e nós aguçávamos os ouvidos.*” (SB, 29).

TUBARÃO = Nome próprio do cachorro. Para o cão não ficar hidrófilo, segundo Câmara Cascudo, deve ter nome de peixe. “*Às vezes, Tubarão ladrava lá fora e nós aguçávamos os ouvidos.*” (SB, 29).

TUBARÃO= Nome do cachorro. “*Porque diabo aquele Tubarão não ladrava?*” (SB, p.151).

TUBARÃO=Nome do cachorro. “*Na casa - grande, que Tubarão e Casimiro Lopes guardavam, a vida era uma tristeza, um aborrecimento.*” (SB,133).

TURUNA= Forte, poderoso, valentão“*O safado do velhaco, turuna, homem de facção grande no município dele [...]*”(SB, p.14).

UM BANDO = Quantidade demasiada. “[...] *em cinco anos o mundo dá um bando de voltas*”. (SB, p. 39).

UM DEUS-NOS-ACUDA = Balbúrdia, confusão. “*Chovia que era um deus - nos - acuda.*” (SB, p.20).

UM FUMO = Um pênis, segundo o Dicionário do Palavrão, de Mário Souto Maior. Caralho, ova, droga. “*Viesse o advogado, viesse a justiça, viesse a polícia, viesse o diabo. Tomassem tudo. Um fumo para o acordo! Um fumo para a lei!*” (SB, p. 25).

UNHAS (PASSAR AS UNHAS NOS BABADOS) = Acabar com os restos, com as sobras. “[...] *as casa são taperas, o Mendonça vai passando as unhas nos babados.*” (SB, p.24).

VENDER MACACOS = Levando a vida com muito sacrifício, com muito aperto, fazer das fraquezas as forças. “[...] *vivi meses apertado, vendendo macacos [...]*” (SB, p.29).

VIDA DE CIGANO = Vendedor ambulante, negociante esperto “*Afinal, cansado daquela vida de cigano, voltei para mata.*” (SB, p.15).

VIRAR FUMAÇA = Desaparecer muito rápido. “*A parte referente à enxaqueca de D. Glória (e a enxaqueca ocupou, sem exagero, metade da viagem) virou fumaça*”. (SB, p. 77).

ZUMBIR = Dizer em voz baixa, semelhante a zumbido. “*Os outros continuavam a zumbir. Sebo! Uns insetos. Não valia a pena prestar atenção a semelhantes insignificâncias. Gente besta.*” (SB, p.123) [Sin, nessas acepç.: zoar, zuir, zubar, zunir.] 3. Sentir (os ouvidos) o zumbido (3): [...]T. d. 4. Dizer em voz baixa, semelhante a zumbido (2).
• S. m. 5. Ação de zumbir: [...].

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7.1 Lingüística e Literária

ALMEIDA, José Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro (1987-1945): Achiamé. 1981

AZEVEDO, Nordestino Pontes de. (org.) *100 anos de Graciliano Ramos*. João Pessoa, PB, CCHLA/Idéia, 1992.

_____. *Modernismo e Regionalismo (Os 20 anos em Pernambuco)*. João Pessoa, PB, Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Lingüística (lingüística quantitativa e computacional)*. Rio de Janeiro – São Paulo: Livros Técnicos. Editora S.A, 1978.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CABRAL, Leonor Scliar. *Introdução à Lingüística*. 4. ed. Ver. E ampl. Porto Alegre: Globo. 1979.

CÂMARA JR, Joaquim Mottoso. *Princípios de Lingüística Geral*. 4. ed. Rio de Janeiro. 1974.

_____. *Manual de expressão oral & escrita*. 19. ed. Petrópolis. Vozes, 1986.

CÂNDIDO, Antônio. *Ficção e Confissão*. IN RAMOS, Graciliano. São Bernardo. 17 ed. São Paulo: Martins, 1986.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998.

PERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 3 ed. Janeiro: Nova Fronteira. 1999.

HJELMSLEV, Luis. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita. Uma perspectiva psicolingüística*. 7 ed. São Paulo – SP. Ática, 1999.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilista da língua portuguesa*. São Paulo –SP. Ensino Superir. 1982.

LIMA, Alceu Amoroso. *Introdução à Literatura Brasileira*. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir. Editora. 1964, p.203.

MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 3 ed. T.A. Queiroz. Editor. São Paulo – SP. 2000.

MORIN, Edgar. *O Enigma do Homem. Para uma Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. Trad. Fernando de Castro Ferro.

_____. *O método III. O conhecimento do conhecimento*. Publicações Europa América. Biblioteca Universitária. 1986. Trad. Maria Gabriela de Bragança.

_____. *O método IV. As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização*. Publicações Europa América. Biblioteca Universitária. 1991. Trad. Emílio Campos Lima.

PETRI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala. Um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 6 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

PONTES, Maria das Neves Alcântara de. *A influência da língua falada em Menino de engenho de José Lins do Rego*. João Pessoa. PB: UFPB, 1998.

_____. *Linguagem regional popular: uma visão léxico-semântica de Menino de Engenho, de José Lins do Rego*. João Pessoa, PB: Centro Federal Tecnológico da Paraíba, 2001, p.53.

_____. *Panorama do Regionalismo de 30*. In. Revista Conceitos. Volume 4, Numero 6, Jul/Dez. 2001.

_____. *Lexicologia e significação: posições teóricas* – João Pessoa, PB: Editora Universitária / Idéia, 2002.

POTIER, Bernard. *Estruturas Lingüísticas do Português*. 3 ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Difel, 1999.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 36 ed. São Paulo: 1980.

_____. *Cartas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 6 ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

SCHAFF, Adam. *Introdução à Semântica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Trad. Célia Neves.

TÁVORA, Franklin. *O Cabeleira*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1981, p. 10-1.

ULLMANN, Stephen. *Uma introdução á ciência do significado*. 2 ed. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. Trad. J. Osório Mateus.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. 11 ed. São Paulo-SP. Martins Fontes, 1998.

VIANA, Viviana de Assis. *Literatura comentada*. São Paulo Abril Educação 1981.

VILELA, Márcio. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

_____. *Léxico e Gramática*. Coimbra: Livraria Almeida, 1995.

7.2 Enciclopédias, Dicionários, Vocabulários, Glossários e Adagiários

ALMEIDA, **Horácio de**. *Dicionário Popular Paraibano*. 2 ed. rev. e ampl. Campina Grande, Paraíba: GRAFSET, 1984.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Dicionário Análogo da Língua Portuguesa*. 2 ed. Coordenada Editora de Brasília, 1974.

CABRAL, Tomé. *Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares*. Fortaleza, UFC, 1082.

CÂMARA JR, J. Mattoso. *Dicionário de Lingüísticas e Gramática*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1972.

COSTA, F. A. Pereira da. *Vocabulário Pernambucano*. 2 ed. Vol. II. Recife: 1976.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DUBOIS, Jean e al. *Dicionário de Lingüística*. São paulo: Cultrix, 1978.

ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 3 ed. Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FLORENZO, Everton. *Dicionário de Idéias Semelhantes*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 197... (De acordo com a Nova Ortografia – 1972)

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss*. 1 ed. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1967.

_____. *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira*. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

MAGALHÃES Jr. Raimundo. *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1977.

_____. *Dicionário de Provérbios. Locuções, Curiosidades Verbais, Frases Feitas, Etimologias Pitorescas e Citações*. 6 ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint.

MAIOR, Mário Souto. *Dicionário de Palavrões e Termos Afins*. Recife: Editora Guararapes, 1980.

MOISÉS, Massaud. *Pequeno Dicionário de Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1981.

MOTA, Leonardo. *Adagiário Brasileiro. Fortaleza*: Universidade Federal do Ceará, 1982.

NASCENTE, Antenor. *Tesouro da Fraseologia Brasileira*. 3 ed. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1985.

VIOTTI, Manuel. *Novo Dicionário da Gíria Brasileira*. 3 ed. Rio de Janeiro / São Paulo. Livraria Tupã Editora.

7.3 Dicionários Glossários e afins

ALMEIDA, Horacio de. *Dicionário popular paraibano*. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 1979,

ANDRADE, Gabriel Augusto. *Nomes populares das aves do Brasil*. Belo Horizonte: SOM-IBDF, 1985.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de et al. *Glossário aumentado e comentado de A Bagaceira*. João Pessoa: A União Ed. 1984.

_____. *A linguagem regional/popular na obra de José Lins do Rego*. João Pessoa: FUNESC, 1990.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Deita, 1970

AZEVEDO, Teo, ÂNGELO, Assis. *Dicionário catrumano: pequeno glossário de locuções regionais*. 2. ed. E ampl. 5. Paulo: Letras & Artes, 1996.

BARBALHO, Nélon. *Dicionário do açúcar*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco (Massangana), 1984.

BARBOSA, Ma. Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo*. São Paulo: Global, 1982.

BORBA, Francisco da Silva et. al. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. S. Paulo: UNESF 1990.

_____. *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*. São Paulo: Nacional, 1975.

CABRAL, Tomé. *Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares*. Fortaleza: Ed. Da UFC, 1982.

CÂMARA JR, J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário de folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

_____. *Locuções tradicionais no Brasil*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

_____. *Rêde-de-Dormir: uma pesquisa etnográfica*. Rio de Janeiro: MEC, 1959.

CLEROT, L. F. *Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba: estudo de glotologia e semântica paraibana*. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 1959.

CUNHA, Antonio Geraldo da et. Al. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1982.

DUBIOS, Jean et. al. *Dicionário de Lingüística*. S. Paulo: Cultrix, 1978.

DUCROT & TODOROV, T. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. S. Paulo: Perspectiva, 1977.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário brasileiro contemporâneo*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1965.

_____. *Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa*. 27. ed. Rev. E ampl. Por Celso Pedro Luft. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1984.

_____. *Dicionários de verbos e regimes*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

_____. *Dicionários de substantivos e adjetivos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

FERNANDO, J. *Dicionário popular brasileiro*. S. Paulo: Ícone, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Dicionário da língua portuguesa*. 14. ed. Porto: Figueirinhas, 1961, 2v.

GOMES, José Maria Barbosa, Mário de Andrade e a revolução da linguagem. *A gramatiquinha da fala brasileira*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1976.

LORENZO, Everton. *Dicionário de idéias semelhantes*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1961.

HOUAISS, Antônio. *Pequeno dicionário enciclopédico Koogan-Larousse*. 6. ed. Rio de Janeiro; Larousse do Brasil, 1987.

_____. *Sugestões para uma política da língua*. Rio de Janeiro: MEC/SNL, 1960.

Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de lingüísticas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1981.

LUZ, José Batista da. *Dicionário popular brasileiro*. 39. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [s.d].

MARTINS, Nilce Santa'anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: EDUSP/SAPESP. 2001.

MOUNIN, J. *Dictionarie de la Linguistique*. Paris: PUF, 1974.

MOURA, Hugo. *Alimentação e linguagem popular*. REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO. João Pessoa: nº 17, 1970, 54-71.

MOURA, Hugo. *Contribuição ao estudo do linguajar paraibano*. REVISTA DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA PARAIBA. João Pessoa: 2(4): 117-40, 1964.

NONATO, Raimundo. *Calepino potiguar: gíria norte-riograndese*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1980.

ODILON, Marcus (org.) *Cambubembe e seus parentes*. Belém: Falangola, 1997.

PEREIRA DS COSTA, F.A. *Vocabulário pernambucano*. Recife: Imprensa Oficial, 1997.

PONTES, Maria das Neves Alcântara de, *Lexicologia e significação: posições teóricas*. João Pessoa: Editora Universitária/Idéia, 2002.

_____. *Linguagem Regional / popular: uma visão léxico-semântica de Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, João Pessoa: CEFET-PB, 2002.

_____. *A influência da língua falada no léxico de Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, João Pessoa: Academia paraibana de Letras, 1992.

REY, A. *La lexicologie*. Paris: Klincksiek, 1970.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. ALFA – Revista de Lingüística, v. 28, São Paulo, 1984.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca. *Dicionário literário da Paraíba*, João Pessoa: A união, 1994.

SAPRIR, Edward. *A linguagem: uma introdução ao estudo da fala*. Trad. de J. Mattoso Câmara Júnior, São Paulo: Perspectiva, 1980.

SILVA, Antônio Moraes da, *Dicionário da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1975.

SOUTO MAIOR, Mário. *Dicionário folclórico as cachaça*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1973.

_____. *Dicionário do palavrão e termos afins*. Pref. Gilberto Freyre. 5 ed. Rio de Janeiro. Record, 1990.

ULMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

VERDELHO, Evelina. *Linguagem regional e linguagem popular no romance regionalista*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 1982.

VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 19979.

_____. *O léxico da simpatia*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.

_____. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

DADOS SOBRE AS AUTORAS

Maria da Salete Figueiredo de Carvalho

- Graduação em Letras – habilitação em Língua Portuguesa (UFPB);
- Especialização em Literatura Portuguesa (UFPB);
- Mestrado em Língua Portuguesa e Lingüística Aplicada à Língua Portuguesa (UFPB);
- Doutoranda na área de Teoria e Análise lingüística (Lexicologia e Semântica), junto ao PROLING, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Maria das Neves Alcântara de Pontes (UFPB / PROLING).
- Professora de Língua Portuguesa e Português Instrumental do Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba desde 1980;
- Professora de Ensino Fundamental e Médio junto à Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, no período de 1965 a 1986;
- Professora de Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Píripituba/PB, no período de 1956 a 1961;
- Participação em eventos regionais, nacionais e internacionais;
- Artigos em revistas e periódicos nacionais e internacionais;
- Livro: Membro da Equipe de Pesquisa – PONTES, Maria das Neves Alcântara & MELLER, Vilson Brunel (in memoriam).

Dicionário Lingüístico-Literário de Termos Regionais/Populares (Norte/Nordeste). João Pessoa: 2003, Idéia, Volume 2 – H a Z.

Maria das Neves Alcântara de Pontes

- Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa;
- Especialização em Língua Portuguesa e Lingüística Aplicada à Língua Portuguesa (UFPB);
- Mestrado em Língua Portuguesa e Lingüística Aplicada à Língua Portuguesa (UFPB);
- Doutorado em Letras Área de Concentração Lingüística e Língua Portuguesa (UNESP / Araraquara SP) Subárea; Lexicologia /Semântica / Geo-Etno – Sociolingüística;
- Pós-Doutorado – Lexicologia / Lexicografia e Terminologia sob a orientação da Profa. Dr^a. Nelly Carvalho (UFPE);
- Professora em Nível de Graduação e Pós-Graduação na UFPB, com linha de pesquisa voltada para a área de Lexicologia / Semântica e Falares Regionais junto ao programa de Pós-Graduação em Lingüística / UFPB;
- Professora do Mestrado Interinstitucional - UFPB/Funeso/Programa de Pós-graduação em Lingüística – UFPB;
- Professora Visitante do COESP/PB;
- Professora de Pós-Graduação (Latu Sensu) da Escola de Aperfeiçoamento Profissional da Associação Brasileira de Odontologia – ABO – Seção Paraíba;
- Professora de Pós-Graduação (Lato Sensu) da Fundação Santa Apolônia / NEAO/PB (disciplinas Metodologia da Pesquisa Aplicada às referencias da Saúde / Didática da Língua Aplicada a Saúde;
- Pesquisadora com Diretório de Pesquisa na UFPB e no CEFET/PB, com o Projeto LINGUAGEM E CULTURA REGIONAIS: Uma Visão Léxico-Semântica;
- Orientadora de Monografias, Dissertações e Teses;

- Consultora da Revista do DLCV – CCHLA – UFPB;
- Consultora da Revista de Pós-Graduação – Paraíba/PB;
- Consultora da Revista Principia do CEFET-PB;
- Membro da comissão da Banca Examinadora do Concurso Vestibular / COPERVE UFPB – área de Lingüística e Língua Portuguesa;
- Membro da Associação Brasileira de Lingüística ABRALIN;
- Membro da Associação Portuguesa de Lingüística APL;
- Membro do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste – GELNE;
- Participação em Bancas Examinadoras de Monografias, Dissertações e Teses;
- Participação em Bancas de Concurso Público para professor na UFPB e na UEPB;
- Participação em Congressos, Simpósios, Conferências e Eventos Científicos Nacionais e Internacionais;
- Publicação de artigos em Revistas em Periódicos Nacionais e Internacionais.

Ministra as disciplinas Língua Portuguesa; Língua; Cultura e Sociedade; Seminários de Pesquisa; Semântica e Texto; Lexicologia e Semântica; Dialectologia; Metodologia da Pesquisa, entre outras.

Publicações: Livros

- Linguagem Regional / Popular
- Lexicologia e Significações, Posições Teóricas
- Influência da Língua Falada, no Léxico de Menino de Engenho
- Dicionário Lingüístico Literário de Temas Regionais Populares